Convem não esquecer

São muito conhecidas no Brasil as pomadas de enxofre para o tratamento da sarna e de outras coceiras. Todas ellas, no entanto, são irritantes ás pelles sensiveis e, sobretudo, á pelle delicada das crianças. Frequentemente essas pomadas complicam o tratamento da sarna, devido ao apparecimento de uma dermatite causada pelo enxofre. Não sendo conhecida a causa desta complicação, o paciente redobra as applicações da pomada e, mesmo, institue, erroneamente, um tratamento mais energico, com resultados ainda mais desastrosos. Surgem placas diffusas de dermatite que se propagam mesmo ás regiões não affectadas pela sarna.

Convém, portanto, evitar taes pomadas, usando de preferencia o Mitigal Bayer, liquido de uso asseiado, livre desses inconvenientes, dotado de virtude de curar a sarna em dois ou tres dias, apenas, e que serve, ainda, para combater qualquer coceira provocada pela sarna, carrapatos ou piolhos, bem como frieiras e certas doenças parasitarias da pelle.

O CIMENTO ARMADO DO ORGANISMO HUMANO

Póde-se dizer, sem receio de errar, que os saes de calcio representam, no organismo humano, o papel do cimento empregado nos edificios modernos. Basta o organismo humano desprover-se da indispensavel quantidade de saes de calcio para elle ficar em estado de menor resistencia.

Os ossos constituem as partes duras do corpo e representam o arcabouço sustentador das partes molles. O organismo precisa se abastecer constantemente de calcio para que o esqueleto se mantenha forte. O menor "deficit" neste elemento manifesta-se, logo, pelas caries dentarias e, nas crianças, tambem pelas fracturas osseas; bem assim nos adultos e nas crianças por muitas outras manifestações como sejam: fraqueza, insomnia, nervosismo, desanimo, palpitações nervosas, diminuição da memoria, etc.

Para combater este "deficit", muito commum em certas regiões do Brasil, onde os alimentos são pobres em saes calcareos, o melhor "medicamento-alimento" é a Caudiolina Bayer que constitue o verdadeiro cimento armado para reforçar os edificios de carne e ossos.

Dentes
como um fío de Perolas
Escovar os
dentes com a pasta
ODOL
e empregar ao mesmo
tempo o liquido
ODOL
é transformar a
dentadura num
fío de Perolas.
A pasta „Odol“ torna os dentes alvos, sem atacar o esmalte e impede a formação das pedras (tartaro).
O liquido „Odol“ penetra em todos os intersticios dos dentes, embebe de substancias desinfectantes os residuos ahi retidos, impedindo a sua decomposição e, deste modo, combate a causa da carie.
Odol
Odol
Frasco grande

Para Todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza Silva.

Assignaturas: Brasil—1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro—1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", 164, rua do Ouvidor, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico "O Malho — Rio" Telephones — Gerencia: Norte 5402. Escriptorio : Norte 5818. Annuncios: Norte 6131. Officinas: Villa 6247. Succursal em São Paulo dirigida pelo senhor Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87.

Ninon

INSTANTANEOS DE CABARET

Esta noche me emborracho bien
Me mamo bien
mamau já no pensar...

Cantava a orchestra. Ninon, a linda flor do cabaret, sentada a um canto da sala pensava...

Rosa... era assim que a chamavam um anno atraz. Trabalhava numa officina na rua do Ouvidor.

Seus paes, gente pobre, mãe lavadeira, pae, trabalhador do Cáes do Porto, typo ruim, bebado, que distribuia pancadas em casa a granel, a falta do pão.

Rosa... 16 annos, menina-moça, sonhadora, esperava a vinda do principe encantado que a devia buscar um dia, e esperava...

Sonhava com as lindas joias que via nas vitrines, com os ricos vestidos que cosia na officina...

Um dia o pae de Rosa trouxe um amigo á casa.

Bebado como elle, e o apresentou á mulher...

...Maria, ahi está o teu genro... e a Rosa um mez depois estava casada.

Se a vida foi para ella um inferno antes, a de hoje era peor.

Rosa soffria... mas... a vida tornása-se mais negra... mas Rosa esperava, o seu principe não podia estar longe...

O marido castigava-a por qualquer coisa, e uma noite depois de maltratal-a até vel-a desfallecida, não mais a encontrou em casa.

Rosa havia fugido, para onde, ninguem o sabia.

Longe dos seus, Rosa bateu de porta em porta, em busca de trabalho. Nada encontrou. Propostas deshonestas sim, ellas as encontrou a cada passo. Trabalho, não.

Um dia, rôta, faminta, teve que ceder. O Destino vencera.

Rolou de mão em mão, soffreu ainda mais, até cahir no cabaret...

Ahi procurou esquecer no champagne o seu passado, correu toda a escola dos vicios... e um dia pagou o seu tributo á vida.

Num leito de ferro, na Santa Casa, Ninon agonisava...

Só, seus amigos que a corteiavam mezes atraz, continuavam em busca de outras Ninons no cabaret.

Ao seu lado, a irmã Soledade acompanhava os ultimos momentos da infeliz Ninon, victima do Destino.

Ninon, apezar de tudo, ainda esperava o seu principe.

O Destino lhe foi menos cruel no final.

Depois de receber a confissão, Ninon recebeu a visita do seu principe. Um crucificio collocado em suas mãos era a imagem delle...

Ninon podia morrer feliz, "Elle", o principe encantado, não faltara.

MARIO SOARES.

ex-Eu.

Columbia

Columbia

A

Original Hartmann

"Toalhinhas hygienicas"

em milhares de exemplares no uso das Senhoras, do mundo inteiro, tambem se tornará indispensavel para

A SAUDE E HYGIENE DO SEU CORPO

em vista das suas insuperaveis qualidades. Uma pequena despeza mensal lhe proporcionará o mais perfeito asseio, commodidade e segurança.

A' venda:

Parc Royal — Largo S. Francisco de Paula.
Pharmacia Allemã — Rua Alfandega n. 74.
Casa Lohner — Avenida Rio Branco n. 133.

Cuidai da vossa beleza como cuideis da vossa saude ; o vosso rosto é uma delicada obra prima que deveis proteger.

O CREME SIMON

fabricado segundo formulas experimentadas, liberta a pele de todas as suas imperfeições, conservandolhe a beleza, a frescura e o aveludado. Da-lhe brancura e pureza impedindo a formação de rugas.

PÓ & SABONETE SIMON
Paris

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO"

A MAIS BARATEIRA DO BRASIL

AVENIDA PASSOS, 120 — RIO — Telephone Norte 4424

O EXPOENTE MAXIMO DOS PREÇOS MINIMOS

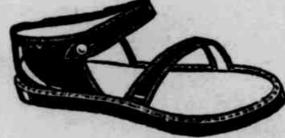
PREÇOS ESPECIAES PARA ESTE MEZ

32$000 Chics e elegantes sapatos em fina pellica envernizada preta com linda fivella de metal prateado sob fundo preto, artigo de lindo effeito, em salto cubano, médio, Luiz XV.

Superiores sapatos de fina pellica envernizada preta, todo forrado de pellica cinza e linda fivella de metal, salto baixo, proprio para mocinhas e escolares.

De ns. 28 a 32 .. .. 24$000
De " 33 a 40 .. .. 27$000

Pelo Correio, mais 2$500 em par.

Ultimas novidades em alpercatas

Alpercatas "typo Frade", de vaqueta chromada, avermelhada, toda debruada.

De ns. 17 a 26 .. .. 6$000
" " 27 a 32 .. .. 7$000
" " 33 a 40 .. .. 9$000

O mesmo typo em pellica envernizada de côr cereja ou preta.

De ns. 17 a 26 .. .. 9$000
" " 27 a 32 .. .. 10$000

Pelo Correio, mais 1$500 por par.

Remettem-se catalogos illustrados, gratis, a quem os solicitar.

Pedidos a JULIO DE SOUZA

— A noite está bonita ?
— Lindissima... O céo está todo estrellado.
— Veiu o jornal ?
— Sim, senhora. Vou buscal-o.
— Muito bem... Vem cá, Fifi !

O gato deu um pulo e se accommodou no regaço da dona, emquanto esta limpava cuidadosamente os oculos, com o lenço. Uma ponta deste cahia sobre os olhos do gato, e o animalzinho estendia a pata, a brincar com ella.

Depois, a senhora deitou a cabeça para traz, apoiando-a no respaldar da cadeira, esperando que Rosa lhe trouxesse o jornal. As duas mãos acariciavam o pello macio do "bichano".

Todas as noites era a mesma cousa, desde ha muito tempo; os mesmos gestos, as mesmas palavras. Uma existencia vivida fóra da época, sem lembranças nem esperanças, e tambem sem preoccupações: arranjada com a regularidade inexoravel e monotona dum relogio. A campainha da porta da rua tocava sempre a horas determinadas. Si, algumas vezes, soava a horas insolitas, Rosa e sua patrôa, que sempre estavam occupadas em trabalhos de agulha, olhavam-se assombradas, e até Fifi murchava as orelhas e arqueava o lombo, como si presentisse algum perigo. E Rosa não se levantava senão quando tocavam pela segunda vez, dizendo:

— Com certeza, enganaram-se de andar.

E quasi sempre isto era exacto, dando o engano motivo a uma conversa animada entre as duas mulheres. Si alguem propuzesse á solteirona uma mudança de vida, ella se indignaria. Era feliz: de uma ventura tranquilla e serena, feita, não de gozo, mas de ausencia de soffrimento. A' sua pequena embarcação faltara a brisa que levanta as ondas, trazendo a vertigem das alturas. Mas tambem desconhecera os abysmos que attraem e devoram. A unica dôr de sua vida fôra a morte da mãe; mas sobre aquelle luto tinham já passado quinze annos. O pae morrera quando ella era creança. Um unico soffrimento lhe toldára a mocidade, e mal o recordava agora: um namoro, contrariado pela mãe, por mil motivos. Não se lembrava de nenhuma razão. Mas deviam ter sido fortes, quando ella, em sua obediencia filial, não as discutira. Desde então, não pensára mais em casamento. Uma irmã sua, viuva e com tres filhos, morava numa cidade pouco distante. Viam-se poucas vezes, mas os sobrinhos iam visital-a com frequencia e, ultimamente, recebera a visita do mais velho.

Que desordem houve em casa naquelle dia ! Rosa tivera que ir comprar pão por duas vezes, e a comida foi pouca para satisfazer o formidavel appetite do

A Rajada

POR

AMELIA ROSELLI

(Italiana)

rapaz. Ao levantar-se da mesa, elle dissera:

— Não era máo, si tivesse outra costelleta assada, tia. — E poz-se a rir ás gargalhadas, vendo a cara de espanto das duas velhas.

. . . .

Appareceu Rosa com o jornal. A solteirona abriu-o, dobrou-o com cuidado, e disse:

— Depois de jantares, vem fazer as contas.

Depois começou a ler attentamente, em meio ao profundo silencio, que só era interrompido pelo "ron ron" pacifico do gato.

Eram nove e meia, quando uma violentissima campainhada sobresaltou Rosa e su'ama. Caladas, com o coração a bater-lhes apressadamente, esperavam que nada tornasse a perturbar o silencio. Mas, logo em seguida, a campainha sôou energicamente pela segunda vez. A solteirona ergueu-se, e Fifi, cahindo sobre o tapete, poz-se a miar, mal-humorado.

— Ouviu, patrôa ? — perguntou Rosa. — Abro ?
— Decerto se engan...

Mas uma terceira campainhada cortou a illusão e a phrase.

— Vae abrir ! — gritou á creada que se dirigia correndo para a porta.

Ouviu-se depois uma exclamação de Rosa, um rumor de passos apressados, e Marinella entrou, como um raio, pisando na cauda do gatinho, tropeçando numa almofada, e indo porfim cahir aos pés da solteirona, Dona Graça, mergulhando o rosto no regaço desta.

— Marinella ! Marinella ! — exclamou a velha.

Uma voz abafada respondeu:

— Dize á creada para ir embora !

Mandar embora Rosa ! Evidentemente Marinella não sabia o que dizia.

— Manda-a embora !

A solteirona olhou para Rosa. Esta esperava a explicação do enigma, disposta a não se mover dali, emquanto não visse satisfeita a sua curiosidade.

— Rosa ! — balbuciou a senhora.
— Ah ! Comprehendo... Querem que eu me vá embora, não é ! — respondeu a fiel creada.
— Depois... te contarei tudo.
— Não, não... Não quero saber nada: são cousas que não me importam. Si precisarem de mim, toquem a campainha.

E retirou-se.

— Ella nunca me perdoará — pensou a solteirona, estremecendo e prevendo um futuro cheio de pequenas vinganças que iam envenenar-lhe a vida.

— Já se foi ? — perguntou a voz.

E a mocinha abandonou o seu refugio e se levantou, alta e esbelta como um junco. Olhou para a tia, sentou-se commodamente numa cadeira, e disse, como si fosse a cousa mais natural do mundo:

— Fugi de casa.
— Como ? Que ?
— Fugi de casa.
— Tu ?
— Eu !

A velha poz os oculos, como para contemplar melhor aquelle phenomeno.

— Estás louca, Marinella ?
— Acertaste ! Louca, louca, louca ! — gritou a menina, fóra de si.

E estalou em soluços, dizendo:

— Todos me perseguem, desde a mamãe até Jorge. Ha seis mezes que não vivo: interceptam-me as cartas, espiam as minhas sahidas, já não sabem o que inventar para me torturar...

Mas, quanto mais me fizerem, mais eu hei de gostar delle ! Primeiro, porque sim, e depois, para fazer enraivecer a todos. Como hoje a mamãe tinha que sahir, aproveitei a occasião e fugi.

— Jesus ! Jesus !

A pobre mulher já ouvira demais. Levantou-se atrapalhada, e exclamou:

— Rosa ! Rosa !

— Para que a queres ? — perguntou Marinella. — Deixa-a ! Senta-te; eu me porei aqui, a teus pés.

— Mas, como pensaste em vir aqui ? — perguntou a solteirona. — Não julgues que eu te ajude em cousas vergonhosas... Nem elle o deve pensar.

Amores ! Fuga ! Cousas de romance, cousas que ella sempre imaginara irreaes, e que agora, espantada; via-as ali, palpaveis...

Parecia sentir-se manchada, e apertou contra o peito Fifi, como si receiasse que tambem maculassem o seu pello branquissimo.

— Elle não veiu... — replicou Marinella.

E contou como havia combinado a fuga... Deviam encontrar-se em Bolonha. A' hora da partida, ella, pretextando que ia ver uma amiga, dirigiu-se á estação, tomou o bilhete e subiu para o trem. Até então, tudo correra bem: mas apenas o comboio arrancou, sentiu-se desfallecer, não sabia si de medo, vergonha ou remorso. Que fazer ? Não podia voltar atraz; descer numa cidade desconhecida, menos ainda... Quando ouviu gritar: ""Rovigo !", lembrou-se que ahi morava a tia. Desceu do trem, tomou um carro, e lá estava; certa do seu amor e das promessas "delle".

Ao concluir a narração, estalou novamente em soluços.

— Vamos, querida, não te afflijas — disse a solteirona. — Felizmente, estás em minha casa, sinão... Pensa um pouco ! A deshonra, a vergonha...

— Qual deshonra, nem qual historias ! — exclamou a moça, levantando-se de repente. — Embora elle não se case commigo, é o mesmo.

— Como ! O que dizes ?

— Sim, é o mesmo, o mesmo. Irei viver com elle, para soffrer frio, fome; toda a sorte de miserias, mas com o orgulho de ser sua amante, já que não me deixam ser sua mulher !

— Marinella ! Não te permitto...

— Por que ninguem, sabes ? ninguem no mundo tem o direito de limitar a nossa liberdade. E em nome de que ? De archaicos preconceitos de velhas tradições...

— Preconceitos ?

— Sim... Já passou o tempo em que os filhos só faziam o que os paes queriam. Hoje, nós nos guiamos pela nossa cabeça, e não pelas dos outros.

Ia e vinha pelo aposento gesticulando nervosamente. Fifi, muito tranquillo, lambia-se todo, alisando os pellos erriçados.

— Tu me dirás por que não continuei até o fim, e fiquei no meio do caminho, não é ? Ah ! E' porque, si somos livres de pensamento, somos tambem escravos de actos., e por isso eu choro.

Mas a pobre tia nada dizia nem pensava, aturdida por aquella torrente de palavras, das quaes apenas comprehendia o sentido exacto.

— Tu me dirás que sou uma egoista, que não penso no soffrimento da mamãe. Sim, sim; pensei, mas si tenho deveres para com ella, tambem os tenho imperiosos para commigo. Pensarás, ouvindo-me falar assim, que sou um monstro, porque, nos teus tempos... Ah ! Bons tempos aquelles ! Dizia-se ou fazia-se o que os paes queriam:

"Sim, senhor pae... Sim, senhora mãe..." E uma rapariga ficava para solteirona !

A tia corou e respondeu, com uma voz que queria ser firme e não era:

— Mas tinhamos a consciencia tranquilla, por termos obedecido.

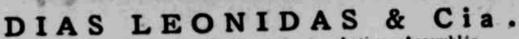
— E isso as recompensava pela falta de amôr — exclamou a rapariga.

— Sim? pobre tia... Como se vê que não sabes o que é o amor !

As duas se olharam, e a que ignorava, baixou os olhos.

— Ah! — continuou Marinella. — Si tu soubesses o que é amar, sentir-se amada, lêr palavras como estas, — e tirou uma carta beijando-a, — que ardem como braza!... Si soubesses o que é saber que no mundo ha um sêr que só pensa em ti, que, por ti daria a vida ! Então, tia, não me aconselharias que obedecesse, que renunciasse... Olha; lê isto que elle me escreve... Ou, melhor; será que eu te leia...

Abriu a carta e procurou febrilmente

— Aqui, aqui... Fala-me da felicidade

de me ter abraçada contra o seu peito; da embriaguez de estarmos unidos para a vida inteira, num unico pensamento, num unico desejo.

E lia phrase por phrase, commentando-as com uma torrente de palavras, vibrante de paixão.

Quando cessou de falar, tendo esquecido até onde estava, olhou para a solteirona... Estava profundamente adormecida!

. . . .

Durante dois dias, toda a casa esteve revolucionada. A campainha tocava a todas as horas; Rosa ia e vinha trazendo ou levando telegrammas. Mãe e filha pactuavam a paz e se faziam reciprocas concessões. A velha tia, arrastada por aquelle torvelim, esquecia as horas das refeições e participava das angustias de Marinella, sem deixar, comtudo, de estar ao lado da irmã.

Porque, si aquella historia de amor enternecia o seu velho coração, mais forte era nella o impulso egoista que a fazia desejar o triumpho final do principio de autoridade, ao qual se submettera em toda a sua vida.

A attitude de Marinella a desconcertava. De onde tirava ella tanto valor, tanta coragem?

Tranquilla e serena, passava o tempo, brincando com o gatinho, esperando que se cumprisse o destino traçado para ella.

Ao terminar o segundo dia, quando chegou o telegramma da mãe, consentindo, finalmente, que continuassem aquelles amores, Marinella exclamou, triumphante:

— Eu o sabia!

E começou a se vestir, para tomar o primeiro trem, de regresso.

. . . .

Só, de novo, na velha casa:

— Faz bom tempo — disse Rosa, ao fechar as persianas.

A solteirona não respondeu.

— Aqui está o jornal.

— Põe-n'o ahi.

— Não o lê?

— Sim, sim... Mais tarde.

— Mais tarde, temos que fazer as contas — grunhiu Rosa. — Bastante transtorno já houve cá em casa, por estes dias.

Fifi deu um pulo e se enrodilhou nos joelhos da ama, porém esta não o acariciou. Assombrado por não ter como um tecto amigo, o jornal desdobrado, o gato levantou o focinho rosado e miou debilmente, como para lembrar á dona o velho costume.

Quando Rosa voltou, encontrou a solteirona immovel, na mesma attitude em que a deixára. Deu-lhe o caderno e o lapis, e começou a ladainha:

— Repolho — 40 centavos...

Meia gallinha — 3 pesos...

Jesus! Si continuamos assim, é melhor morrermos de fome. A senhora viu a gallinha? Até parecia uma perdiz!

Deteve-se, esperando o commentario obrigatorio, as lamentações sobre a carestia da vida; mas a solteirona respondeu, simplesmente:

— Continúa.

Si Rosa tivesse recebido um soco, não lhe causaria tanto abalo como aquella resposta laconica.

Tanto, que perguntou:

— Sente-se mal, patrôa?

— Não... Por que?

— Como não falava...

— Não te preoccupes e continúa com as tuas contas.

— Manteiga — 45 centavos... batatas... Mas, o que está fazendo, senhora? Hoje estamos a 21 de Janeiro e a senhora está escrevendo na pagina correspondente a 7 de Fevereiro!

— Tens razão — disse a velha, corando. — Estava distrahida.

— E agora, o que fazemos?

— Ora! E' o mesmo...

— Como?

— Acaso não são iguaes todos os dias?

E, ao ficar sósinha, repetiu em voz alta:

"Todos iguaes... Todos iguaes..."

Parecia-lhe que todas as palavras tinham uma desoladora resonancia: a sua vida inteira lhe apparecia então, vasia e desolada tambem, monotona e incolor.

Via deante de si a imagem radiante de Marinella, soberba, orgulhosa de uma felicidade que soubera e quizera conquistar.

Estremeceu, tapando os olhos para não ver; mas, por entre os dedos amarellecidos, começaram a cahir grossas lagrimas, pranto amargo de toda a sua existencia, fracassada e sem amor...

Traducção de ANELÊH.

No Instituto Historico durante a conferencia que a escriptora Maria Junqueira Schmidt fez alli sobre a segunda imperatriz do Brasil.

"Memorias romanticas de um gigolô" e o Brasil Gerson

O Brasil Gerson, — aquelle moço loiro, alto e magro como um desses bastões que a gente usa com o traje de rigor, que escreve as chronicas theatraes do "Diario da Noite" e que mora no Terminus, está escrevendo um livro: "Memorias romanticas de um gigolô".

Seria muito natural si, após esse livro vir á publicidade, alguem escrevesse alguma coisa sobre elle.

Não será nada natural que, antes do livro sahir, escreva-se sobre o seu valor alguma coisa.

Porém, eu como não gosto nada das coisas naturaes, vou criticar, ou melhor, apreciar o livro do Brasil Gerson. Isto embora eu não saiba siquer o que possa ser "Memorias romanticas de um gigolô".

Não o li, mas sei-o admiravel, interessantissimo, até mesmo util.

Por varias razões o livro do Brasil Gerson vae ser o melhor livro de todos os livros do mundo.

Primeiro, pelo facto do autor de "Memorias romanticas de um gigolô" ser physicamente parecido commigo. Ora, um sujeito parecido commigo sómente póde escrever um livro estupendissimo.

Segundo, o Brasil Gerson é xará do "maior e mais adeantado paiz do mundo" e patricio e amigo do Dr. Julio Prestes de Albuquerque que é até nosso candidato a dirigir os destinos politicos da Terra de Santa Cruz, em substituição ao ex-candidato Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrade, que vae se contentar de certo com uma senatoria ou com a vice-presidencia, como o Dr. Mello Vianna.

Demais, o dono do livro veste-se muito bem, tem um "smoking" elegantissimo, fuma cigarros caros e usa perfumes finissimos.

E, finalmente, acima de todas essas coisas, — menos, já se vê, — da sua parecença commigo, — o Brasil gosta muito de ouvir cantar tangos por aquella bonitura de mulher, aquella artista maravilhosissima que é D. Luly Malaga, a maior, a unica cantora de tangos do mundo, como diria o mestre Pittigrilli.

Me digam, pois, si um autor assim, com todas essas vantagens, póde escrever um livro desinteressante ?...

Não póde, não é ?... Não póde.

E além de "Memorias romanticas de um gigolô" ser um livro interessante, é tambem um livro util.

E' sabido que nós brasileiros somos uns homens exaggeradamente coroneis. Desde o berço, incutidos pelos nossos paes, trazemos para a vida uns principios de gentilezas, umas maneiras de mimosear, de fazer mimos, de pagar, que mais não é do que um principio de coronelismo. Um coronelismo rotineiro, deselegante, sem graça, quasi ridiculo.

As mulheres, principalmente aquellas que mentirosamente são cognominadas de mulheres alegres, riem-se de nós.

Ora, é preciso que essa ridicularia tenha um fim.

Uma vez que aqui não existe um curso pratico de gigolotagem, é necessario que aprendamos nós essa elegantissima arte, no livro do Brasil Gerson. Intelligentes como somos, com um ou dois dias de leitura desse interessante e util livro estaremos bacharelados nesse curso. Depois nos especialisaremos com o tempo.

E seremos os primeiros gigolôs do mundo. Os primeiros...

"Memorias romanticas de um gigolô" é um livro indispensavel. Vae influir poderosamente na alta do nosso cambio, pois, o coronelismo brasileiro é que prejudica as nossas finanças.

Livro interessante e util. Principalmente pelo facto do Brasil Gerson ser parecido commigo... Motivo de parecença...

Pois é...

NOBREGA DE SIQUEIRA.

RESIDENCIA NOBRE

A ESTATUA DE TEIXEIRA DE FREITAS

O "LEÃO" DA AVENIDA RIO BRANCO...

VELHO CHAFARIZ DA GLORIA

EXEDRA OSWALDO CRUZ

PARA TODOS...

PETROPOLIS, CIDADE FIDALGA

O DESTINO das cidades está quasi sempre na sua propria geographia. Está ás vezes na paizagem, nas excellencias do clima, no grão de proximidade dos grandes centros. Petropolis, aqui no alto, dormindo entre nesgas de nevoa da serra, trouxe, de berço, graças que lhe asseguram os seus fóros de cidade fidalga.

Sonhou-a um dia um principe, enamorado da belleza barbara dos Orgãos, sob um resto de sol doirando ao longe a linha das cumiadas.

Diluia-se, no azul confuso, o aspero perfil das serranias e, lá em baixo, num desmoronamento de horizontes, apagava-se, em nevoa, um ultimo arrepio de perola da tarde.

Pedro I, no alto, afastando-se da comitiva, alongou o olhar sobre a esplanada.

Entre rebordos asperos da serra, estendia-se o valle, como um repouso evocativo.

O Piabanha corria ali, rapido, fugindo, no crespo arrepio côr de oiro da corrente, como o dorso alongado de um peixe a descamar-se em prata rutila e, lá adeante, a sombra das grandes arvores esquissava-se em filetes longos, como tatuagens pelo chão.

Deante desse estranho rumor de matto, com uma ansia de liberdade palpitando no sangue, o joven principe, farto das intrigas palacianas, sonhou nesse majestoso ambiente o seu palacio de verão.

De regresso á Côrte, com scenarios encarcerados na retina, foi seu primeiro cuidado adquirir esse pittoresco recanto da Serra do Mar.

Mezes depois, no entanto, desgostoso das odiosidades partidarias, sem realizar aquelle seu desejo, D. Pedro optou por entregar ao filho os destinos do Imperio que fundára.

E, das velhas pósses do Sargento Affonso, onde deveria surgir Petropolis um dia, só bem mais tarde, pelas condições excepcionaes do seu clima, foi lembrado, como solução feliz, á localização de rhenanos immigrados.

Julio Koeller, major de engenheiros, com incumbencias de Marquez de Sepetiba, delineou a cidade.

Geometrizou-a, traçando-lhe as linhas matrizes nas condições naturaes do terreno. Balizou as ruas, corrigindo depressões e lombadas, num serviço de terraplenagem. Captou a agua clara dos corregos, torcendo leitos, moldurando-os e angulando-os na aspereza do pólo.

Nas clareiras escarnadas e limpas, com o atulho dos charcos e das nesgas lodacentas, foram-se erguendo arcabouços de predios, sobre amplos pilares de alvenaria.

Rasgaram-se quintaes na faina de encoivaramentos, e a cidade foi crescendo, dia a dia, entre jardins enflorados, com debruns de azaléas e cravos, sob as bençãos do sol nascente, com o nome do seu Principe e de um Santo.

Pedro de Alcantara escolheu-a para o seu sitio de repouso. Afidalgou-a, com um palacio imperial de aspecto solarengo, dentro da área silenciosa de um parque.

Alindaram-se praças e avenidas, numa vegetação disciplinada e, dentro em pouco, foram surgindo, pelos melhores bairros e arrabaldes, amplas vivendas de veraneadores.

Petropolis surgiu da sua feição primitiva.

Familias da velha nobreza do Imperio, fugindo aos mezes de calor da Côrte, traziam a doirada alegria do verão á cidade.

E, nas languidas manhãs de Maio, de céos de azul humido e tranquillo, galopavam, pelos rumos preferidos, grupos alegres, a cavallo, levantando rastilhos de oiro nas estradas.

De outras preferencias sportivas e folguedos, nada falam as envelhadas chronicas de outrora.

A' falta de algum Fernão Cardim desses tempos, fica a gente a retraçar, dentro dos velhos solares, de janellões e varandins abertos, aquellas "damas custosas" com brocados e rendas da endumentaria do Imperio; e, nos bailes afidalgados, em amplos salões alongando-se por dentro dos espelhos, alguma condessinha loira, de longos bandós languidos e lisos, com um botão de rosa enamorado da alva curva dos seios.

Pelas noites claras, em demoradissimos silencios, Petropolis suggeria aspectos dessas cidades de legenda, com o luar dormindo nos telhados de oiro.

E, em horas tardas, quando cochilavam os lampeões da rua, ao halito da madrugada, era de se ouvir, não raro, a alma bohemia dos violões, vibrando no ar tranquillo, com a nostalgia romantica da época.

Com o advento do novo regimen, vendo exilado o seu Imperador, a cidade encheu-se de uma nobre melancolia.

Doeu-lhe fundamente a ausencia daquelle velho, com a alma doce de um poeta, que gostava das creanças e do silencio dos parques.

Por isso, como um titulo de saudade, ella guardou em bronze a sua figura pensativa, olhando horizontes, onde todas as tardes parece abaixar-se o proprio céo para beijal-a.

Cidade de poetas, noiva da serra, sempre envolta numa toillete de nevoas, foi cada vez mais preferida para o veraneio.

Dia a dia remodelaram-se as velhas chacaras em palacetes, sonhando no fundo da selva mansa dos parques; e, pelos debruns das largas alamedas, começaram a sorrir, como calices de neve transbordando dos canteiros, — as hortencias.

RAUL BOPP

Virgem das graças. — Matriz de Petropolis.

A cidade enfeitou-se, nos bairros n o v o s, com a fórma alegre dos chalets e **bungalows** bizarros.

Sargetearam-lhe as avenidas e deram-lhe uns novos pontilhões vermelhos sobre esse pequeno Sena que lhe atravessa as ruas, rumoroso e raso, sob a ampla cupola de painas e magnolias.

Na temporada presidencial, a cidade toma-se de um aspecto festivo.

Reanimam-se os hoteis e ha um surdo rumor de pneumaticos na rua.

Brinca a alegria do verão pelas calçadas.

De manhã, quando o sol beija a cidade, grupos de jovens, garrulas e loiras, entrecruzam-se nas alamedas.

Umas, em ronda elegante, passam, leves, de corpo esguio se desenhando em seda.

Fulanita lá vae, riscando a paizagem, com uma sombrinha côr de violeta murcha. Desce de um auto brazonado, á **gare**, Flor de Lys, de Florença, na graça flexuosa do talhe. Seu olhar, verdoengo e morno, lembra um somno de dragões numa cidade vasia.

De tarde, na hora languida e azul em que a visão das paizagens se desmancha, Petropolis pulsa com mais vida ainda:

Chegam os trens de verão. Os bondes partem apinhados.

E, pelos largos estirões das ruas, correm os tilburys, tirados a galope.

Enchem-se os passeios, claros e lavados, de silhuetas da aristocracia.

Voltam do Tennis. Trazem do Bridge o ultimo commentario, na phrase doirada e futil.

Mademoiselle Tú, corpinho de papillionacea, deixa em cada sorriso uma dedicatoria.

A' noite Petropolis sonha.

Desfia-se em linha solta, ondulando no ar, a nevoa fina, esfrolando-se ao longe.

Illuminam-se os parques ensombrados, num clarão de perolas accesas. Junto da agua dos aquarios, luminosa e mansa, dormem as grandes arvores cansadas.

Nas noites claras de verão, a serra, de certos pontos, guarda sumptuosidades legendarias.

Largas caryatides sustentam, pelas encostas, negras cimalhas barbaras e brutas e, mais ao fundo, encantada, na aspera moldura dos monolithos, parece que a selva inteira escuta o luar.

No alto, Petropolis repousa, como uma flor na haste da serra.

Embilram-se as avenidas, numa palpitação doirada, com fios de luz rendando o chão. As sombras, numa caricia longa e intactil, desenrolam-se, abraçando os jardins e a cintura das casas. Na somnolenta quietação das alamedas, as arvores se abraçam num espreguiçamento de noivado.

Hora em que ao longo das ruas, que o silencio adormentou, sente-se aquelle intimo encanto nocturno da cidade.

Petropolis, nobre de origem, guarda os seus habitos aristocratas.

Cheia de construcções apalaçadas, preferida pelo grande mundo, — embaixadores e ministros, — sorri, aos olhos de quem chega, com o orgulho feliz do seu destino.

Batida pelos grandes ares, num esplendor de panoramas, devêra, por solidos motivos, ter no ambiente uma Universidade.

Si, por doação presidencial, a cidade do luxo e da elegancia viesse, um dia, a ser um centro superior de cultura, teria a accrescentar, ás suas tradições de nobreza, o seu mais legitimo titulo de fidalguia.

O CONCERTADOR DE BONECA

POR HORACIO... CARTIER

IMPRESSIONOU-ME o annuncio afogado nas ultimas paginas do jornal da manhã, precisamente naquella em que eu espetára os cotovellos, e por onde, punhos de encontro ás temporas, diffundia o olhar abstracto. Lá estava o endereço do homem que arranjava bonecas, e em cima negrejavam as letras gordas: — "Concertador de bonecas de toda e qualquer naturêza".

Nem mais foi necessario para que me viesse ao espirito aquella phrase antiga de Maria da Gloria:

—Andei de vestido novo pela cidade, um vestido que não conheces, e chamaram-me de boneca!

E estupidamente corri ao telephone, como se fosse resolver uma questão grave, um caso de vida e morte. Não lhe falava havia quinze dias!

E ella, de longe, friamente:

— Ah! és tu? Estava certa de que não resistirias...

Na sua voz vibrava a crueldade de um látego em cão submisso. Sobrestive alguns instantes, a respirar fundo, e desatei-me em supplicas, escoando pelo fio a minha saudade tormentosa. Procurando dominar a cerração da fala, sentia-lhe o contentamento máo de dobrar-me, e estava vendo do outro lado da cidade os seus labios crispados em quadro, os dentes a branquearem travados e humidos, como se ella toda saboreasse o gosto acre dos heroismos da minha humildade.

— Vem, Maria da Gloria!... Não é para nada... Será a ultima vez, se quizeres! Preciso ver-te, preciso falar-te. Não me desesperes! E' para teu bem...

E ella astuciava evasivas. E eu insistia, amollecendo-a, mas espatifando de encontro á sua obstinação os restos deslumbrantes da nave de todo o meu orgulho.

— Vem, que é uma lembrança que te quero dar? Maria da Gloria sacudia-me perolas á distancia. E já modulava as phrases, e tinha risos de escala:

— Não sou mais creança! Não me levam com promessas!...

Chegou. Vinha radiante como se fosse receber das minhas mãos todas as joias da sua fantasia. Receiosa, no emtanto, de que tudo fosse ardil extremo de amante, foi prompta dizendo:

— Não me posso demorar. Duas amigas vão jantar lá em casa. Minha irmã tambem vae. Telephonou-me...

Estavamos numa praça aonde se escutava ainda o coração da cidade. Seguimos calados por ali fóra, tomamos a primeira rua larga, entramos noutras estreitas, frequentadas de marinheiros, e procura daqui, procura dali, avistei afinal a casa do concertador de bonecas. Maria da Gloria acompanhou-me entre curiosa e desconfiada. Ao entrar na lója, que era baixa e acanhada de frente, e por dentro se estendia em corredor, angustiada entre um armario envidraçado e um balcão despolido, olhou-me surpresa.

— Espera... Não é nada de ruim...

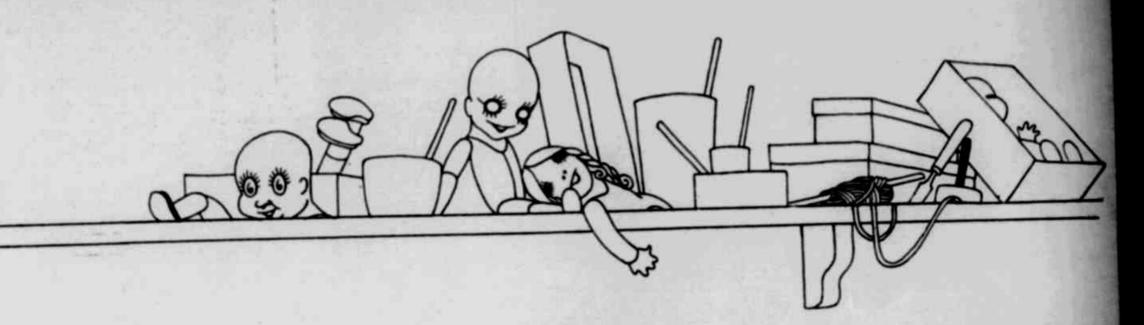
Ella confiava em mim porque nunca lhe des-

figurei siquer o curso secreto dos meus pensamentos, e a volupia de lhe ser sincero era tão grande que só a amesquinhava a de possuil-a.

Aquietou-se; e até ficou distrahida a olhar a bonecragem espalhada pela loja, que parecia abandonada.

Triste e estranho aquelle ambiente! Umas

— Este concertador de bonecas, Mariuccia, parece-me habilidoso, e possuir um sentimento afinado de arte. A julgar pelo que vimos, por todas essas peças que estão sendo reparadas, os annuncios que elle divulga não são fallazes, porque o homem em verdade arrania bonecas de toda e qualquer natureza. E essas cousas nos

tador de bonecas, ou porque as sombras da tarde se encorpassem, ou porque fosse doçura de velho que adivinha amantes, ou ainda automatismo da profissão, olhou com curiosidade a minha grande boneca, forçou-lhe levemente o queixo para ver se o maxillar articulava, tomou-lhe suave a cabeça, fazendo-a voltar para a direita e para a

bonecas de vestidos com os refolhos duros de pó, sentavam-se, lividas como figurinhas de museu, nas pranchas das prateleiras, emquanto pelo balcão as mulherinhas de brinquedo rolavam destroncadas, num concerto de miniatura macabra e comica de melancolia.

A tristeza daquelles membros esparsos de papelão e de biscuit, de louça grossa e de porcellanas diaphanas, parecia ganhar o animo de Maria da Gloria. Ella examinava, ha pouco, uma cabelleira que destampara com a sua calotta de cortiça a cabeça de um boneca, de uma boneca de orbitas vasias, que me mandava um sorriso para mostrar os seus dentes miudos; agora já me indicava uma bonecrinha japoneza, de cabellos de preto retinto, que não sentia a dor de haver perdido as pernas de porcellana desvidrada, e contente de sua tunica de ramagens, fixava em toda parte os olhinhos cavados no seu semblante de triangulo, e pallido de camelia.

O concertador tardava. A curiosa da cabelleira grudada ao tampo de cortiça, já se ia enfadando porque vinha de esmerilhar tudo. Vira uma boneca allemã, de anatomia grosseira e de cabeça partida e ainda besuntada de sabão pela mãe extremosa; e vira outra de Paris, cujos vestidos apalpou. Estivera entretida a ageitar os trajes de uma muito grande, de sapatos razos de verniz nos pés disformes, e com um enxame de lacinhos borboleteantes na cabelleira de ouro em ondas. Essa boneca Maria da Gloria só a deixou em paz depois de lhe acertar as pontas da faixa e lhe cilhar os quadris insensiveis. Por fim mostrara-me, de sorriso já cansado, umas pernas onde apontavam os engonços dos flexores de arame, e mostrara-me tambem o tronco de onde ellas se haviam destravado, deixando duas fossas mysteriosas a ladearem o ventre de modelado fugitivo.

Como a demora do homem me aggravasse o temor de desagradar Maria da Gloria, tratei de aligeirar-lhe os ultimos minutos, dizendo com recolhimento, para captivar a sua attenção esvoaçante:

devem espantar na ausencia visivel de officinas bem apparelhadas num estabelecimento tão pobre. Elle sabe dispartir á força de pincel fino a sombra dos cilios das bonecas desluzidas, circular a côr do iris lá com as suas composições improvisadas, e pingar a abertura das pupillas. Detive-me a observar numa dessas bonecas o seu capricho no remate da cera com que gruda os olhos de vidro, ajustando-os pelo interior das duas fendas das cabecinhas ôccas; e demorei-me a olhar os remendos da collagem dos refegos roidos das gaitinhas que sopram "pápá" e "mamã", e estão escondidas nas creaturinhas que elle desventra para lhes recompôr a physiologia delicada. Eu desejara vêr as pinças com que elle vae pinçar no fundo dos troncos a ponta dos arames desenganchados daquellas flexuras tão frageis! E não tens a curiosidade, tu tambem, Mariuccia, de espiar como esse concertador cicatriza as ulceras que corroem o papelão comprimido, dá movimento aos dedos quebrados, ás mãos que entrevaram e vae ainda colorir os semblantes descorados de um encarnado saliente de casca de maçã?

Maria da Gloria não respondia. Olhava-me triste. Eu proseguia:

— Não satisfeito em praticar essas cirurgias que nos encantam, e a sciencia ostentosa ainda nem sonhou, esse homem se aprimora no zelo dos pequeninos nadas das vestes e dos enfeites, por isso que recorta couros de sapatinhos, e os cose e palmilha, e sabe enfiar collares nas bonecas que fingem de bahianas, e lembram as da India, pela sua côr, e pelos seus dixes.

— Mas afinal, por que me chamaste?...

— Não tive tempo de responder. O concertador entrava, constrangido de se fazer esperar, e explicando que fôra á loja de ferragens proxima comprar um pouco de solda. Tirou um ramo de metal doce da algibeira, e disse-nos mostrando um bago de chumbo:

— Era para soldar este peso, que faz subir e baixar as palpebras das bonecas, subir quando ellas se levantam e baixar quando se deitam.

Passei a mão pela cinta de Maria da Gloria, enfitando-lhe os olhos com ternura. O concer-

esquerda; depois inclinou-a, amparando-a pela nuca, e viu que as palpebras desciam; levantou-a e viu que ellas se arregaçavam para mostrar de novo o esplendor dos olhos. Fel-a andar; fel-a abrir os braços, mexer os labios; tacteou-lhe os hombros e os joelhos, e mandou que caminhasse; remirou-lhe a porcellana intacta do busto que arfava, e por ultimo, perpassando a mão pela franja comprida dos seus dedos, que cederam num movimento de harpejo, disse:

— Esta sua boneca não tem nada. Está perfeita. Se é para a vender que a traz, muito tempo perdeu, porque eu sou um pobre velho que vive de concertal-as, e só compro as que estão em cacos, para aproveitar as peças.

Eu quiz falar, quiz abrir-me, dizer ao que ia. Faltou-me a coragem.

— Obrigado! Vamos, Mariuccia.

Ella seguia-me amuada, e vinha queixosa pela rua, mas enchendo o morrer da tarde da vida ondulante do seu corpo.

— Ora, pensei que fosse para outra cousa! Trazer-me até aqui para vêr bonecas quebradas e um velho desmiolado!

Mas, de repentino clarão no semblante, accrescentou victoriosa:

— Já sei! Já sei! Quizeste mostrar-me aquelle desequilibrado só pelo gosto de lhe ouvir a novidade de que tens uma bonequinha perfeita! Não é isto? Os homens são tão vaidosos!...

Não respondi. Fui caminhando. Depois de duas quadras, se tanto, ella se disse cansada de andar. Chamei um taxi. Entrou. E, como eu lhe désse o endereço ao chauffeur, estendeu-me a mão fria e sem me convidar a ir tambem, como fazia noutros tempos, recommendou:

— Não me beijes a mão, que a rua está cheia de gente. Sou tão conhecida!

E lá se foi a Maria da Gloria. E o concertador não a arranjou! Mas, como poderia eu dizer ao homem maravilhado que aquella boneca que abria os braços não sabia mais abraçar-me? De que modo dizer que lhe mexiam os olhos, porém não se adoçavam mais sobre os meus, ou que ella movia os labios, e comtudo não sabia mais me chamar?

DOIS RECANTOS DA LEGAÇÃO DA POLONIA NO RIO DE JANEIRO
PHOTOS NICOLAS

Tres motivos indigenas: Variações ao redor do rythmo barbaro

PARA
OSWALD DE ANDRADE

1 — ROMANCE

Na terra ha um logar onde todas as cousas são grandes !
(Não pensem que eu vou dizer que é o Brasil !...)
E' a Serra do Erêrê

Ahi as mattas são grandes os rios e as pedras
são grandes os bichos são grandes grandes grandes
E foi por isso que a agua todinha do diluvio
não deu pra cobrir a Serra do Erêrê

2 — MUSICA

Dun !
Dun !
Dun !
O ronco do tambor parece que sobe do fundo da terra
Dun !
Dun !
Dun !

Ha um circulo colorido de cocares
e as pennas das araras cansam cansam cansam

(Todo o rythmo da cerimonia vem duma cabeça morta
espetada na ponta duma estaca de acapú)

Dun !
Dun !
Dun !

3 — POESIA

Quando eu morrer quero que me deixem no meio do matto
á sombra das arvores onde
a minha sombra vae ficar perdida vagando perdida

O tatú-grande será o meu coveiro
e cavará uma cova funda bem funda pro
meu corpo sem desejos
O urubú branco cantará esta toada que os pagés cantam
na morte dos guerreiros
E o gavião yupacaní voará mais alto mais alto bem alto
derramando minhalma pelas distancias azues

(Quando eu morrer quero que me deixem no meio do matto!)

CLOVIS DE GUSMÃO

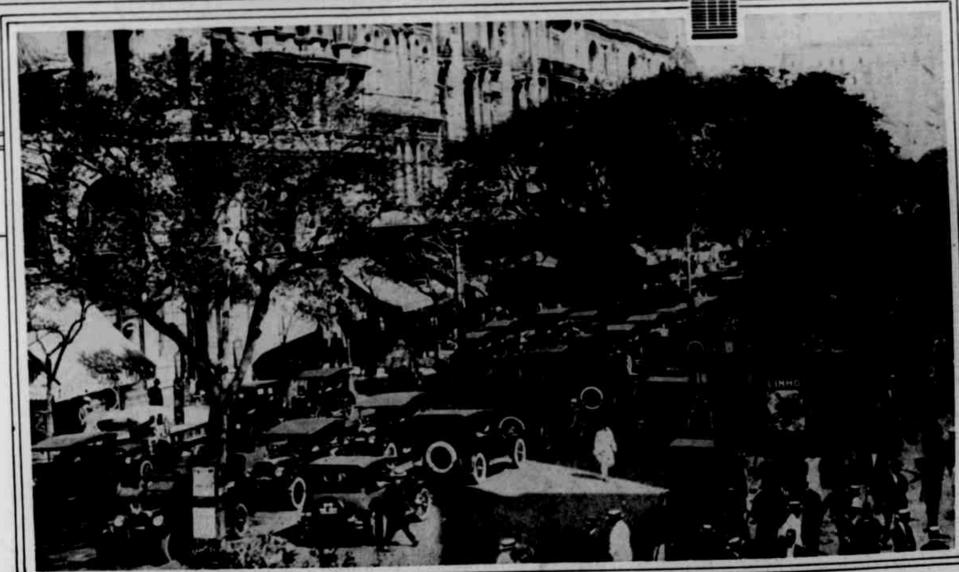
Jantar dansante no Botafogo Football Club

Aspectos entre a rua Chile e a rua São José, para os lados do cáes do porto e para os lados de Santa Luzia.

A Avenida fez annos

A Bibliotheca Nacional, a Escola de Bellas Artes, o Theatro Municipal, o Club Naval, trecho entre a rua 7 de Setembro e a rua do Ouvidor.

De 1904 a 1929

THEATRO

Procopio Ferreira, um dia destes, me dizia que a accusação que faço aos emprezarios e directores de companhias nacionaes, de boycotarem peças de autores brasileiros era injusta. Affirma que nunca se recusou a levar á scena original de valor, ainda que relativo, que lhe haja sido entregue, e que se filie ao genero que explora. Agora mesmo, que inicia com successo sua temporada annual do Trianon, acolherá, com sympathia, as producções que lhe sejam encaminhadas e que verão a luz da ribalta, se o merecerem. Os autores das que forem recusadas poderão appellar de sua decisão para dois ou tres criticos theatraes de equilibrio notorio, submettendo-se, elle, Procopio, á decisão desse tribunal, se fôr contraria á sua.

A comedia ligeira póde, pois, ser produzida que encontra mercado. Oduvaldo Vianna, por sua vez, fará representar originaes brasileiros que tenham um pouco mais de feitio, pretensões literarias mais sensiveis. A condição é que sejam interessantes e gosta que reflictam ambientes e costumes nossos, tal como a maioria, senão a totalidade, de suas peças.

Aos nomes illustres da nossa literatura que quizerem tentar o successo no theatro offerece-se, neste momento, magnifica opportunidade. Martinez Sierra, cuja visita é uma das melhores recordações em materia de theatro, do anno que acaba de findar, solicita, por intermedio da S. B. A. T., a remessa de peças brasileiras, que está disposto a enscenar. E não é só. Adelia Rey Colaço e Robles Monteiro, que daqui a um mez estarão entre nós, não escondem, em cartas, o vivo desejo que têm de incluir, no seu repertorio, comedias brasileiras.

A iniciativa particular fomenta, portanto o gosto pelas letras theatraes que bem póde se desenvolver e animar. Certo o estimulo official daria excellente resultado. Todos os paizes do mundo, sem importar o grão de civilisação, dedicam ao theatro, carinho e attenção especiaes.

No Brasil, a não ser quanto a leis e regulamentos arrancados a corpos legislativos e administrativos a forceps, nada se fez até hoje, apezar da grita do intellectualismo. Aos governos pareceu, sempre, pueril ou malsão, occupar-se com o theatro e a gente de theatro... a não ser para lhes cobrar impostos. Cumpram os que escrevem seu dever, escrevam peças, tornem, com os actores e as actrizes que possuimos, e que são razoaveis, o theatro nacional uma realidade evidente e não faltará, então, um Presidente da Republica ou um Ministro do Interior que empunhe, vaidoso, o clarim da victoria... — MARIO NUNES.

Tres nações, tres escriptores, duas épocas collaboraram para montar "Volpone", comedia que tem tido enchentes successivas no "Atelier" e que ficará como uma das melhores creações de Charles Dullin.

Ben Jonson, bebedo de talento, escrevera uma farça violenta de uma satyra grosseira que o nosso paladar degenerado — dizia o proprio autor — seria incapaz de apreciar. Stefan Lwirg (austriaco) e Jules Romains (francez) fizeram, pois, uma adaptação simplificada e de espirito mais fino; filtraram, por assim dizer, descobrindo o esqueleto psychico da peça.

A musica de Georges Auric suavisa toda esta crueza de um ligeiro perfume voluptuoso.

E' dar a "Volpone" luvas de pellica e pôr-lhe mascara de velludo, transformando em galante festa a sequencia de instinctos selvagens e máos brotados do cerebro de Ben Jonson. "Volpone" avarento, velhaco e tratante, apparece sob os traços de um Oriental, estabelecido em Veneza. Este mestre avarento é um philosopho e um misanthropo: despreza nos outros o seu proprio vicio. Tendo experimentado o poder de fascinação do ouro e os seus effeitos degradantes, elle põe a sua experiencia em acção com a sagacidade e o methodo de um financeiro do Strand. O mais original é que elle corrompe as almas e engana os outros com a alegria de um apostolo exercendo uma missão. O tabellião Voltore, o negociante Corvino, o usurario Corbaccio, a cortezã Calina rodeiam o leito onde o rico Volpone simula agonisar. A esperaiça de herdar vae revelar o caracter de cada um. Corvino vende sua mulher, Corbaccio desherda o proprio filho, o capitão Leone, em favor de Volpone. Mas a trahição de Mosca faz Leone testemunha dessa velhacaria; Volpone comparece em juizo e é absolvido e Leone é levado para o pelourinho. Essa é a verdadeira conclusão da peça — mas ha um quinto acto para o desenlace. Volpone acaba enganando-se a si mesmo: faz um testamento falso a favor de Mosca e manda convocar todos os candidatos á herança que, furiosos por se verem frustrados, injuriam-se uns aos outros, revelando assim a verdade ao juiz que tinha vindo abrir o testamento. Leone é solto e Volpone condemnado ao enforcamento posthumo. Uma ultima façanha de Mosca salva-lhe a vida... reconhecendo-se, ao mesmo tempo, que o testamento é valido; Volpone, resuscita e desapparece, despojado por um digno discipulo.

Comparado a esse apostolo do mal o classico Harpagão é um modelo de innocencia. A enscenação de Dullin é no segundo acto, uma obra-prima de ironia: julga-se ver representar a Annunciação da Virgem, pois o scenario é a reproducção das miniaturas dos missaes italianos (casas do seculo XIV, dispostas de cada lado de uma escada, as personagens apparecendo por entre as columnas dos terraços como numa pintura de Giotto). Mas o anjo, todo vestido de branco, que vem descendo os degráos é Mosca que vae comprar consciencias por conta de Volpone... Ironia feroz, digna de um Bernard Shaw.

Outro "achado" o scenario do quarto acto: uma pyramide truncada figura o Tribunal com o juiz sentado no alto. Ao pé deste throno, pequenino, humilde, encolhido no seu esquife, Volpone, impõe, entretanto, a sua vontade a esse juiz tão altamente collocado.

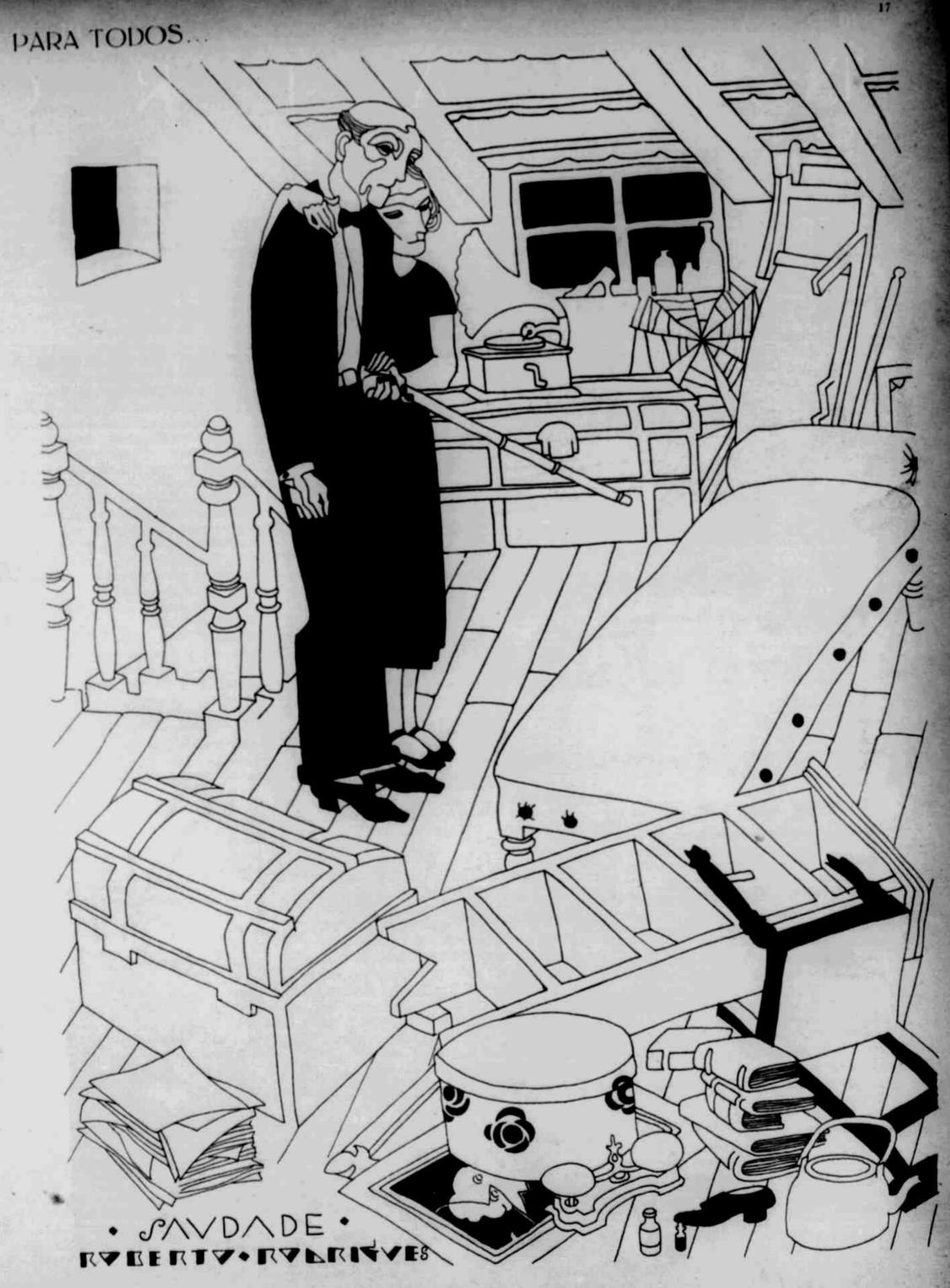
Dullin no papel de Volpone tem um jogo de scena cheio de contrastes symbolicos como o seu scenario é cheio de intenções occultas como o personagem que incarna. E' admiravel na scena da agonia ! suspira phrases carinhosas, repassadas, porém, de sarcasmos e de hypocrisia verdadeiramente satanica.

O Volpone de Dullin e o Corbaccio de Georges Seroff, expressivos até a ponta dos dedos, são os dois caracteres mais accusados e de maior relevo da peça, dois puros typos á Ben Jonson. Ha uma differença sensivel entre esses dois e os outros actores que, embora interpretando com talento, não possuem o mesmo vigor na caricatura; isto, aliás, está de accôrdo com a dupla significação da peça saxonia apurada pelo genio latino: Falstaff revisto por Figaro. — SIMONNE RATEL.

PIOLIN

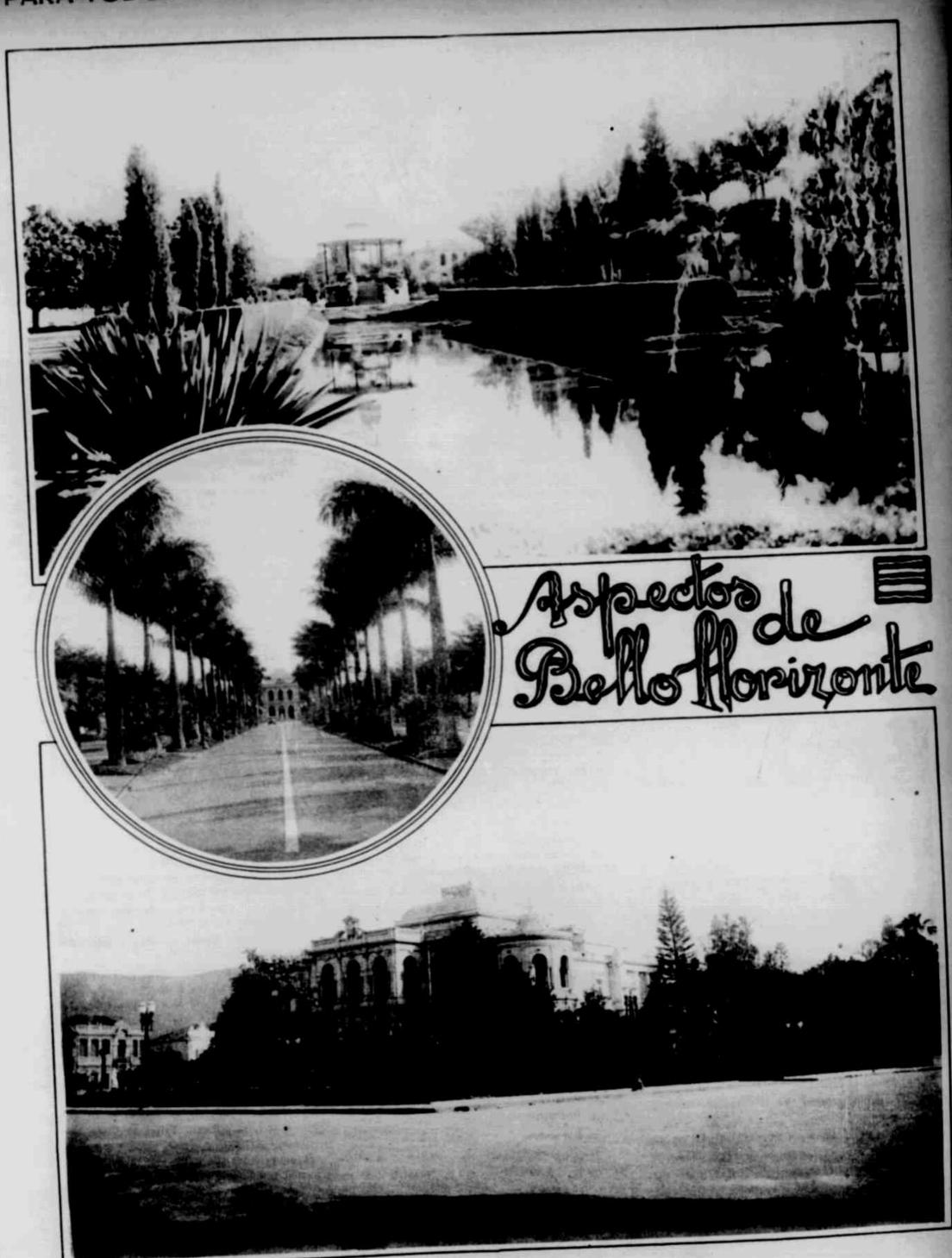
Para a companhia que vae estrear em Junho o Theatro Pedro II em São Paulo, Oduvaldo Vianna offereceu um contracto fabuloso a Piolin. Itala Ferreira para uma companhia que pretende organisar propoz dez contos por mez a Piolin. Piolin não quiz nem o contracto de Oduvaldo nem os dez contos de Itala. Piolin é de circo.

• SAUDADE •

ROBERTO • RODRIGUES

Dois recantos da Ilha de Paquetá que a gente chama: a perola da Guanabara. Um é a praia da Guarda. Outro é na Covanca. Foram desenhados para Para-todos... pelo artista austriaco Fritz Joséfovics

Aspectos de Bello Horizonte

TANTALO

Por José do Patrocinio Filho

COM aquella mania de jogar no "treze e quatorze", elle ficara sem um vintem:

— Nem p'ra o bonde! disse com os seus botões.

Aliás, naquelle dia, os dados do Jagunço pareciam de "ampulheta" — estavam catando as paradas..."

Na sala, embora apinhada, não viu nenhuma "cara" com que pudesse "fazer fé". Resolveu "cahir na rua".

Iria a pé para casa.

Desceu.

Naturalmente, quasi ás onze da noite, a rua da Quitanda estava deserta. Apesar disso, seguiu-a, em direcção á rua Larga, com a cabeça pendente, a passos nervosos que echoavam no silencio que o envolvia.

Fazia um pessimo juizo de si mesmo. Por que diabo é que não podia "dobrar" uma parada? Era praga? Era azar? Estava então destinado a ser sempre mais infeliz que os outros?

Já não tinha o que perder. Perdera a tranquillidade em casa, onde a mulher descobrira de que provinham as necessidades que os assoberbavam. Tendo sabido que jogava, o patrão despedira-o, naquelle mesmo dia. E era o saldo do seu ordenado, que deixara ficar no panno verde.

Então, empolgado pela emoção que o affligia, monologou rua afóra:

— Mas eu nunca fiz mal a ninguem! Só fui jogar para vêr se arranjava um pouco mais para levar p'ra casa! Deus não existe!...

O guarda nocturno olhou-o espantadissimo. Seria um doido?

Elle passava agora por entre os edificios em que funccionam bancos, escriptorios do alto commercio, casas atacadistas. E pensou que, por traz de qualquer daquellas portas, havia muito mais do que carecia para endireitar a sua vida...

Como havia de ser no dia seguinte? Que dizer á mulher, quando ella o visse chegar a pé, faminto, escaveirado? Como abrandar o senhorio, a quem já devia tres mezes de alugueis, se elle descobrisse que perdera o emprego.

Tinha chegado á rua Larga. Dobrou. Seguiu em direcção á estrada de ferro.

A que horas chegaria a Villa Isabel?...

Ah! se ao menos tivesse o dinheiro do bonde!...

Adeante, reparou num mendigo, que contava a sua féria de esmolas, fazendo pequenas pilhas de nickeis, á soleira da porta de uma igreja, a que estava sentado.

Possuia menos que um mendigo!...

Era de facto o escarneo do destino!...

Mas não podia ficar nessa situação. Custasse o que custasse, precisava levar para casa algum dinheiro. E apesar de já estar proximo ao Campo de Sant'Anna, retrocedeu pelo mesmo caminho.

Tornou a encontrar o mendigo, que ainda estava empilhando moedas á porta da igreja.

Notou, passando por elle, que devia ter mais de dez mil réis, se os montes fossem de dez tostões cada um.

Entretanto, o desgraçado ainda lhe estendera a mão!

Sentia-se exausto. Nem tinha coragem de ir para casa, nem de voltar para a cidade, a vêr se algum conhecido lhe emprestava qualquer coisa...

Afinal de contas, era até melhor que ficasse na cidade, evitando ter de voltar a pé no dia seguinte.

Mas estava com tanto somno!...

Onde ir dormir?

Lembrou-se do albergue nocturno, que então ainda existia no cáes do porto. Encaminhou-se para lá.

Ao que chegára!... — ia pensando pelo caminho.

Um ultimo preconceito fel-o hesitar á porta.

Entrou, por fim. E logo á entrada do barracão, em que funccionava o albergue, sentiu um bafio agudo de suor antigo, que subia das tarimbas, alinhadas perpendicularmente ás paredes de madeira...

— Boa noite.

— Boa noite.

Julgou-se na obrigação de se explicar com o "encarregado". Fôra roubado, era de Nictheroy, não podia voltar para casa.

— Póde dormir ahi... — respondeu o outro, indifferente, sem prolongar a conversa.

E elle foi escolher uma tarimba para deitar-se.

Uma penumbra funebre reinava. Ouvia-se o resonar dos albergados, guttural e nasal. Dormim todos.

Tirou o collarinho. Deitou-se. O acre cheiro de suor incommodava-o. Repugnava-lhe o travesseiro de serragem e não encontrava commodo sobre as rudes taboas encardidas. Não podia dormir.

Nisto, viu que se encaminhava para si um ser chimerico, inacreditavel, com um ruido secco de muletas.

Era um aleijão horrendo. As pernas flacidas, arrastavam-se como mortas cartilagens pelo chão. Enterrava-se-lhe a cabeça entre os hombros e exhalava um soluço secco a cada passo.

Fantasmagorico e siinstro, dir-se-ia que o mostrengo levara um seculo a chegar!

E, magnetizado de horror, seus olhos fixos nelle reconheceram, aos poucos, o mendigo de havia pouco, na rua Larga.

Acccommodou-se na tarimba junto á sua.

Era hediondo de perto. E os seus andrajos tresandavam uma catinga intoleravel.

Coçou-se todo.

Estirou-se com um suspiro de conforto, como se recolhesse a um leito macio e fresco.

Não demorou a adormecer. Roncava...

Então, sorrateiramente, elle sentou-se. Olhou em torno, perscrutando tudo. E esgueirou-se, como uma sombra até á tarimba do aleijado.

Palpou-o, com mão subtil, entre os andrajos. Sustinha a respiração. Puxou de leve um sacco que os seus dedos encontraram. Mas sentiu resistencia. Examinou. Estava preso a um barbante. Olhou de novo, a vêr se alguem despertára. Nada. Baixou a cabeça, mergulhou o rosto entre os farrapos fetidos. Cortou com os dentes a presilha...

Ergueu-se. Metteu no bolso o collarinho. Apanhou o chapéo.

Pé ante pé, encaminhou-se para a porta, onde o "encarregado" tomava fresco.

— Estou me sentindo mal. Vou tomar um pouco de ar: talvez me faça bem.

O outro estava fumando — nem respondeu: "si fosse dar trela áquella sucia, estava bem arranjado..." Atirou fóra a ponta do cigarro e voltou para o interior.

Elle, lá fóra, com o sacco do mendigo na algibeira, esteve um momento irresoluto.

Quanto teria?

E se fosse arriscar? Talvez ganhasse...

Por pouco não desatou a correr até a praça Mauá. Seguiu pela Avenida até a praia. Ahi, sobre o paredão contou o dinheiro: onze mil réis.

Na Lapa os automoveis iam e vinham businando, e os bondes passavam quasi vasios.

Entrou num club, em que as menores fichas custam dez tostões.

Jogou todas as que comprára, de uma em uma..

E tornou a perder.

Domingo tres de Março no Jockey Club

Duas apostas risonhas

Uma chegada

Durante a corrida

Uma partida

CONCURSO DE BELLEZA

CARMEN
GUZZI

PROMOVIDO PELA
"A GAZETA"
DE S. PAULO
PARA A GRANDE PROVA
"MISS BRASIL"

IRACY
ELIA

Grupo de votadas na redacção d'"A Gazeta"

DULCE LEPAGE

REGINA ANDRETTO

MARIA LUCIA SAMPAIO PINTO

REGINA ANDRETTO,

a mais votada da Luz

SYLVIA DE GUGLIELMO

ALVINA TRAUBI

ASSUMPTA FABIANI

YOLANDA GRANJA

ALICE ROCHA

MIMI MARRACCINI

ELSA ALICE ROCHA

ORDALGA COELHO DA SILVA

CARME
GUZZ

A mais votada

Concurso mundia
As Eleitas de

CARMEN
GUZZI

...s votada do Braz

MARIA
CONZO

ELZA
ARNOR

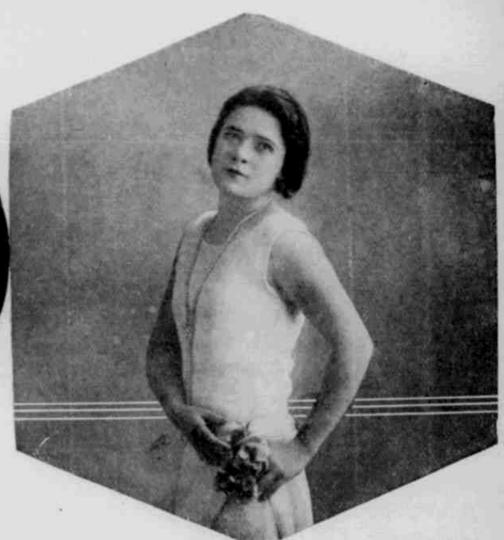
HELENA
VIOLA

ANTONIETTA
TEDESCO

DULCE
BRETAS LEPAGE

VICTORIA
PENHA

PATRICIA
REHDER GALVÃO

ANTONIETTA
TEDESCO

...undial de belleza
de São Paulo

Da Terra da garoa

Minha amiga. Não sei si se recorda de uma das minhas chronicas publicada no "Para todos...", sobre "garçonettes". Com a despretensão habitual eu commentava com certa dureza a tolerancia da policia em face do aproveitamento de menores nos bares e nos botequins. O paulista, tão exigente em se tratando de costumes; o paulista tão agarrado a preconceitos de toda a ordem, como podia acceitar, sem protesto, o espectaculo revoltante que se offerecia aos seus olhos nas casas de bebida que, rapidamente, se multiplicaram na cidade ?

A "garçonette", utilisada da maneira porque o era, estava a reclamar o amparo da sociedade. Esta, aliás, em defesa propria, para se não deixar contaminar, para evitar vêr-se envolvida por uma onda de desmoralização, precisava de reagir.

Felizmente o meu protesto não foi em vão. Dei-lhe maior divulgação aproveitando minhas relações na imprensa daqui, dirigi um sereno appello ao Chefe de Policia, homem civilisado e culto, em carta aberta que publiquei no "Jornal do Commercio", interessei jornalistas intelligentes no assumpto. Ao cabo de algum tempo espalhou-se pela cidade a noticia de que as "garçonettes" desappareceriam. Só os proxenetas, ao serviço dos quaes estavam essas pobres meninas de quinze e dezeseis annos, não receberam com alegria. A cobiça cria estados d'alma verdadeiramente selvagens e leva o homem á pratica de actos monstruosos. O negociante que tirava da inexperiencia das pequenas as vantagens pecuniarias com que se locupletava, não concordou com a resolução moralisadora das autoridades. Elle, que pagava impostos e licenças á custa dos vexames e das apalpadellas a que se sujeitavam infelizes creaturas expostas ás manifestações de concupiscencia de faunos alcoolisados, elle, que enchia o pé de meia fartamente com os lucros que lhe proporcionavam as tentações de corpinhos ainda em formação — elle, o honrado commerciante da praça, indignou-se.

— Neste paiz não ha liberdade ! E' preciso deitar por terra com essa canalha. Só uma revolução.

As "garçonettes", encantadoras chamarizes da freguezia peccaminosa e depravada, essas, desappareceram dos cafés. Vivem agora a perambular pelas ruas do Triangulo, á tardinha, á hora do apperitivo, hora cheia de volupias e de perigos...

E se a autoridade policial não fôr preventiva, como é de seu dever, teremos muita virgem sacrificada em holocausto ao Luxo.

•

Dolores Cecilia de Vasconcellos deu ha dias o concerto que os paulistas com ansiedade aguardavam. A pianista illustre teve por parte da critica e da platéa um optimo acolhimento. Todos reconhecem na joven artista — muito talento, esplendida memoria e grande technica. O seu programma foi interpretado de maneira a merecer applausos. A época para a realização do concerto é que não foi feliz. Estamos em pleno diluvio e nem todos se arriscam a enfrentar as intemperies, mesmo para ouvir um anjo do Céo.

Por Salvador Roberto

Das memorias romanticas de um gigolô

Estou pensando agora na inutilidade de ser romantico. E eu não tenho sido outra coisa na vida.

Abro as janellas do meu quarto cheio de silencio, no alto de um 5º andar, e a garôa fina que cáe encobre as luzes da cidade que dorme.

Toda a gente deve estar dormindo.
Eu não posso dormir.

E aquelle homem pobre que vae passando lá em baixo?
Aquelle homem pobre, que anda á procura de um banco de jardim, decerto não póde dormir porque não tem onde dormir.

Eu tenho uma cama com lençóes de linho e cobertores de lã e não posso dormir.
A' meia noite, quando o theatro se acabou, ella entrou com um outro no automovel e levou para o seu apartamento — eu vi muito bem o pacote de bonbons inglezes que eu lhe dei no camarim.

Duas horas da manhã...

Fecho os olhos, apago a luz e envolvo a cabeça nos meus lençóes de linho, tão macios, tão gostosos.

E continuo vendo, pela noite a dentro, os meus bonbons inglezes enchendo de doçura o coração do outro...

BRASIL GERSON

(Desenho de Di Cavalcanti)

Manhã de sol
em Copacabana

America

POR

SEBASTIÃO

FERNANDES

Aquella America onde a terra ferve como se o sol sahisse de suas entranhas, tão batida de luz que as proprias sombras têm claridades, não podia pertencer aos europeus.

Terra agreste onde o homem precisa ser forte para luctar, varrida pelo tumulto dos elementos assustava o homem iberico.

Terra que estica e encolher, com as arvores e as crateras, cheia de penhascos que vão quasi ao céo, vindos das entranhas da terra!

Terra que possue majestosos picos de formidaveis cordilheiras, mudos testemunhos das convulsões geologicas desencadeadas em remotas épocas.

Terra de cumes altaneiros onde a neve se eternisa e de valles profundos, onde entre penhas traiçoeiras no fundo de gargantas dantescas correm encachoeirados rios.

Terra que é uma continua ameaça á vida do homem que se torna mais rude de tanto embate, cuja aspereza apenas as manifestações beneficas da religião amaciam.

Só o filho da terra póde olhar de frente aquelle sol que bate de chapa, com rutilancias de crystal nas grimpas geladas dos Andes.

Só o mestiço conhece as virgens expansões selvagens para cortar coxilhas, planicies, florestas e pela vontade indomita remover os volumes pesados das comportas da cordilheiras que parecem os ultimos degráos da terra para o céo.

Só o mestiço atravessando os contra - fortes — como audaz desbravador — penetra naquelles ermos ricos de pedrarias escondidas num solo que tem plantas tão fortes que soffrem o calor do sol ao meio dia e tem cardos espinhosos que arrebentam em flores!

(Da novella "Ouro!")

Recepção de Dom José Pereira Alves, Bispo de Nictheroy, na Associação Petropolitana de Letras. Presidiu a reunião Dona Nair de Teffé Hermes da Fonseca e fez o discurso de saudação Monsenhor Lucio Gambarra, vigario de Lagoinha.

Hermes Fontes entre os amigos e admiradores que lhe offereceram um almoço, sabbado passado, no Club dos Bandeirantes, festejando a sua nomeação para chefe de secção nos Correios.

A CHIMERA

POR CONCHA ESPINA

Perguntou por Cacilda.

— Entra, homem, entra — responderam. — Ahi a encontrarás, no tanque de lavar, tão bonitona como sempre, tão disposta para o trabalho e pensando tanto em ti... Toma este caminho. Quebra á direita e ali está lava-que-te-lava...

Teve o visitante, para essa conversa affectuosa, um leve-leve sorriso, entre benevolo e displicente, atravessou a varanda e avançou pelo parque.

Poz-se a olhar o jardineiro muito philosophicamente.

— Toca com o ansinho. E que não se perca tempo. Puxa, que disposição!...

O bom homem começou a enrolar um cigarro e a parafusar uns certos pensamentos ao compasso de seus vae-vens de cabeça, todos affirmativos, como se quizesse dizer:

— Sim, senhor. Sim, senhor... — convencido de que Tino parecia mudado: até nos passos, até no olhar...

E depois a barba cerrada, os bigodes retorcidos... E o traje, os sapatos, o bonet... Por Deus, não era o mesmo...

Tudo isso porque D. Cleto não tendo o que fazer, lembrou-se de dar a mão a Tino. E de moço de recados que era, metteu-o com fumaças de camareiro, fez do rapaz assim como "moço de companhia e guardião mór"... até que, para completar a obra, levou-o a Madrid, onde Tino esteve larga temporada... A cabeça do jardineiro continuava redondamente:

— Sim, senhor... Sim, senhor...

Já está feito o cigarro e acceso sob o chapéo, de costas pora o vento.

De tragada em tragada o hortelão vê apparecer-lhe Cacilda, a noiva de Florentino, no soliloquio mental. E o bom homem chupa mais forte, cospe, e accentúa o seu movimento de cabeça.

Porque era Cacilda "bem bonitona", e muito bôa para o trabalho, bem preparada para dona de casa. Mas agora... já não era da "classe" de Tino. Quem não eram bois para a mesma junta, convenhamos!

E a inquieta cabeça do homem mudando subitamente de rumo, começou a dizer:

— Não, senhor... Não, senhor...

Quando ia Florentino pelo caminho central do jardim, com o ar jactancioso e o sorriso protector, sentiu o chamamento calado e silencioso de um olhar, e voltou o seu para o lado de onde vinha o aviso.

Ao pé de uma magnolia, com um livro na mão, viu, sentada, uma linda creatura que acompanhava com estranheza os movimentos do intruso. Os olhos azues da leitora foram os que chamaram daquella maneira autoritaria e muda os olhos escuros do visitante.

Continuou elle avançando, olhando-a sempre, numa fascinação. Ella poz-se de pé, como que resolvida a retirar-se. Era quasi uma criança. O vestido fluctuava-lhe no corpo, muito curto, o cabello sedoso, as mangas arregaçadas no braço nú.

Como elle avançasse para a moça, sob o cégo impulso de uma attracção irresistivel, ella, tomando lepidamente um atalho transversal, ganhou a escada, e entrou no hotel sem voltar os olhos para o importuno.

Elle dominou, logo, a sua perturbação. Mas, ao dirigir-se para o tanque não ia tranquillo nem diligente.

Veiu Cacilda recebel-o com a emoção estampada nos olhos e na face. Tambem trazia o vestido fluctuante no corpo, as mangas arregaçadas. Tambem era quasi uma criança, corada e bonita.

O noivo, porém, envolveu-a num olhar tão implacavel que ella deixou de sorrir. Não poude, entretanto, conter o gesto amoroso de estender os braços e dirigir-lhe a palavra:

— Tino!

Elle recebeu aquella saudação com um gesto de impaciencia:

— Chamo-me Florentino... Palavra, mulher, que estás untada de sabão!

Transformou-se o semblante loução de Cacilda. Desconhecia o seu noivo. Não era elle: nem o porte, nem o rosto, nem o coração. Ella soube que elle vinha mudado. Porém, não tanto, que a desconhecesse... Muito confusa, quiz dizer alguma cousa para dissimular a sua magua.

— Chegaste hoje?

— Hoje mesmo.

Continuava a fixal-a com aquelles bellos olhos zombeteiros. Quasi a chorar ella falou de novo:

— Não tens nada que dizer-me?...

Elle vacillou em responder.

— Sim... Queria saber quem é aquella que eu vi no jardim lendo sob uma arvore.

— Ah! isso te interessa?... E' a filha mais velha dos senhores que sahiu agora do collegio.

Houve uma pausa embaraçosa. E Cacilda, já sem poder conter a sua indignação, disse:

— Não vens senão para perguntar-me pela senhorita?

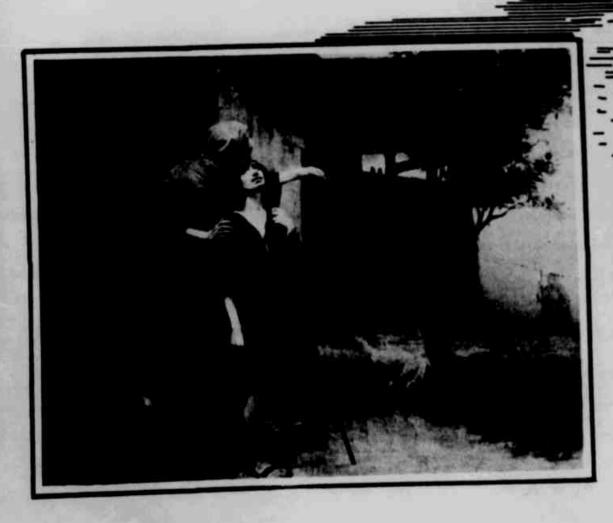
Ficou o moço cabisbaixo. Suavisou depois a feição adusta e olhou-a, pensativo. Com difficuldade, como quem troca pernas por um caminho ignorado, foi respondendo:

— Eu não sei a que vim, Cacilda, porém, acontece que não posso dizer-te nada...

E "aquillo" que haviamos combinado é impossivel... Não tomes a mal... Perdôa-me. E até outra vez...

— Adeus! — respondeu ella, os labios descorados, rouca de angustia.

E Florentino, voltando as costas á mais formosa realidade de sua vida, afastou-se para sonhar desatinadamente com uma chimera.

Arte Brasileira

"FORÇAS DA PATRIA", DE CARLOS OSWALD. — "PARTIDA DE JACOB", DE R. AMOÊDO E "JOANNA D'ARC", DE PEDRO AMERICO.

Annunciação

Crucificação

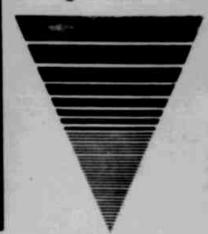
São João Baptista

"A Cathedral de Chartres"

JESUS CHRISTO

SANTA MODESTA

NO CENTENARIO DA FACULDADE DE MEDICINA DO CAIRO

S. MAJESTADE FOUAD I PRESIDINDO AS SOLENNIDADES

A TELEPHONISTA

A' sala da redacção vinham, da rua e de mistura, ruidos de passos, trilos de guardas e farrapos de vozes, e dos fundos, das officinas, o barulho da Marinoni — porque a machina era de systema rudimentar e a essa hora já se estava tirando o branco.

E emquanto, ao secco bater dos ferros — "berceuse" que embalou os sonhos dos meus vinte annos — iam sendo impressas a primeira e a quarta paginas, eu, de plantão nessa noite, traduzia os telegrammas estrangeiros, ou redigia notas de reportagem.

O telegramma do Rio ainda não chegara: a vigilia promettia avançar madrugada a dentro.

O Paulino, aquelle saudoso Paulino de Azurenha, de pesados gestos e ailado espirito, era pontual na retirada. Mal o ponteiro do seu relogio fiel enfiava o X das dez horas, elle interrompia a leitura das provas, suspendia da cadeira o grosso busto que estava dentro do fraque azul, saudava-me de lá, da saleta da revisão, com o seu ironico boa-noite, e abalava.

Ficava-me o resto da tarefa.

A uns dois metros da minha mesa o sofá austriaco estendia-me enternecidamente os dois braços curvos, solicitos em funcções de travesseiros e alargava-me as maciezas da palha do assento, tão bemfazejas ás fadigas do meu corpo.

E muito embora me sobrasse em gambias o que me faltava em leito, eu, que tinha nesse tempo umas pernas de acrobata, e umas articulações impassiveis, de ankilóses, olhava para aquelle sofá, para aquella seductora palhinha e para aquelle duro travesseiro, com ternuras languidas de namorado dorminhoco.

A espaços, para distrahir do somno os olhos bruxoleantes, eu ia á janella, e esgazeando-os muito, observava os typos que, amesendados nos bancos verdes da praça da Alfandega, gozavam a sua noite e os seus ocios.

Mas, a essa hora — onze e meia, doze, uma da madrugada — já elles rareavam, já quasi todos haviam desabelhado, e só os mais interessados noctambulos, ali, acolá, aos pares ou em pequenos grupos, cavaqueavam commentarios banaes, entre bocejos, teimosos em não dormir.

Foi numa dessas noites de plantão que ella, mysteriosa, invisivel e intangivel, veiu dentro da sua voz, pelos fios electricos, ter á minh'alma.

Eu pedira communicação com o primeiro posto policial, para indagar se havia novas, afim de encerrar o noticiario. E essa voz da telephonista que me attendeu e que tambem fazia o seu plantão, era maravilhosa de sonoridade.

Voltei a telephonar para ouvil-a de novo, e a um qualquer pretexto tentei estabelecer dialogo, a que ella se esquivou. Larguei o phone, encantado, deslumbrado!...

Era uma voz em que vinham, de conjuncto, impressões deliciosas a todos os meus sentidos. Acariciando-me o ouvido, aquella onda sonora parecia irradiar, alastrar-se por todo o meu systema sensorial.

Desde essa velha noite fui assiduo ao telephone, até que, num outro plantão, encontrei de novo a voz ineffavel. Então verifiquei:

Era um veio claro de sons crystallinos onde havia, docemente confundidos, sussurros de aguas claras deslisando entre seixos, vibrações de crystaes entrechocando-se, e trinados de passaros em manhãs primaveris na paz frondosa de um bosque.

Como um trecho musical de grande mestre desenha, caprichosamente do ar luminoso e sonoro, um idyllio ao luar; como ha symphonias orchestraes que dramatizam lances epicos e sons de violoncello que fazem resuscitar paixões adormecidas, assim aquella voz, evocativa e mysteriosa, já animava, no fundo da minh'alma, a serena figura de mulher de quem me vinha.

Comecei a construir, em collaboração com os meus cinco sentidos, uma obra d'arte.

Por que a linda voz fosse clara, e serena e harmoniosa, eu a imaginei nascida na garganta de uma soberba mulher que nas linhas do seu corpo e na pureza da sua carne guardasse a eurythmia e a brancura de um marmore classico. Foi essa a primeira impressão visual despertada por aquella voz.

E tambem porque eu a sentisse velludosa, quente, macia, as minhas faculdades tactis deram vida, calor, ondulações, á estatua que eu visionára.

E porque a voz magica me parecesse perfumosa embalsamada, inebriante, as minhas sensações olfactivas revelaram-me, a fragancia inedita, inconfundivel, de um corpo de mulher virgem, fragancia estranha em que havia o halito nocturno de rosas desabrochadas e o aroma de pecegos maduros.

E ainda porque a voz fosse de uma ineffavel doçura, suavissima e embriagadora, cheguei a provar, pelo telephone, o sabor de framboezas maceradas num vinho grego, dos seus beijos, que era como se eu sugasse.

Assim, recebida pelo ouvido e derramando vibrações por todo o meu apparelho sensitivo, aquella voz fizera-me ver, palpar a creatura que me falava, fizera-me aspirar o perfume da sua carne e gostar a doçura dos seus labios.

Depois, durante dias, os meus cinco sentidos foram retocando, polindo, animando de paixão, a sua obra d'arte.

Um dia descobri que já a amava, na suprema perfeição em que ella vivia no mundo dos meus sentidos, tão synergicamente impressionados.

Quiz tel-a real e palpavel, sob os meus olhos deslumbrados.

E quando, certa manhã, á luz viva do sol meridional eu pude vel-a, as minhas retinas — injuriadas pelo grotesco de uma figurinha trigueira, escanzelada, pungentemente feia, de cabellos oleosos e face torcida em "grimaces" — estremeceram de doloroso espanto, que foi abalar, em derrancos, os outros quatro sentidos meus desatremados.

MARCELLO GAMA

Desenhos de Di Cavalcanti

STUDIO-BOUDOIR

Uma Casa Moderna

Pertence a Mrs. Samuel Courtauld e está no Portman Square em New York.

Recanto

Foi toda decorada por Marchese Malacrida, Joh Armstrong e Oliver Messel

Recanto

Cinema

O PAPEL DA ELITE O Sr. Jean Renouard escreveu no "Journal des Débats":

A falta de cultura e o predominio do primario fizeram com que se chegasse em cinematographia a um desequilibrio completo entre a technica do film e a essencia da obra. Os meios de execução attingiram á perfeição; o mesmo não se póde dizer do enredo que ainda não conseguiu sahir de uma banalidade desconcertante. Emquanto que a technica é a mais apropriada á arte muda, o enredo continúa sendo uma miscellanea de romance e de theatro. Não sabem adaptal-o convenientemente. Não passa de uma traducção e esforçam-se, em vão, para transportar a acção do dominio da literatura para o plano das imagens.

Quando teremos a visão directa, a composição directa que nos ha de dar obras verdadeiramente originaes? O simples mechanico ou o operario não pódem fazer sósinhos esse milagre; são indispensaveis o artista e o poeta, porque para realizar um bom film não basta projectar na téla uma successão mais ou menos agradavel de imagens, é necessario dar-lhes vida, toda a vida com o seu cortejo de dôres e de alegrias, de desillusões e de esperanças e principalmente o mysterio que a envolve e a enaltece.

Quando esse dia chegar, todos aquelles que desdenharam o cinema hão de acolhel-o com enthusiasmo. Mas, ponderarão, o film, bom sob o ponto de vista artistico, será máo sob o ponto de vista commercial, e o publico habitual abandonará, por sua vez, as salas? Não creio absolutamente. O publico está cansado das super-producções feitas todas ellas pelo mesmo molde. O publico espera instinctivamente outra coisa. Almeja educar-se e instruir-se contanto que lhe forneçam os meios para isso. O papel de educador cabe á elite; perdôe aos grandes mestres da cinematographia terem-na desdenhado e, já que confessam hoje seu erro, corresponda ao appello que elles lhes fazem...

MAX REINHARDT EM HOLLYWOOD O grande "metteur en scène" allemão chegou ha pouco á cidade cinematographica da America. Um contracto que a United Artists lhe propoz dará um director differente ao film "The Miracle girl", com Lilian Gish. O scenario de "The Miracle girl" é do autor theatral allemão Hugo von Hofmannsthal.

MARY NOLAN — **Foi aqui que eu tomei uma injecção...**

BELLAS ARTES

Leopoldo Gotuzzo é o pintor patricio que todos admiram pelo seu grande talento e honestidade profissional. Acha-se, actualmente, em Lisboa, onde vem de fazer uma exposição de seus trabalhos, conquistando as melhores referencias da critica, como se póde verificar na nota que transcrevemos:

"Estamos na presença dum grande artista. Dum creador sincero, espantoso de belleza, a mais alta bandeira desse Brasil moderno e fecundo, que, ao contacto da velha Europa Latina, póde vir a ser uma nova fonte de emoção e sensibilidade artistica. De todos os pintores brasileiros, que têm passado por Portugal, Leopoldo Gotuzzo é o mais forte, o mais solido, o mais equilibrado. Tem mais do que talento; accusa a divina centelha do genio, em lampejos fulgurantes que nos arrancam do peso morto da realidade, arremessando-nos para o abstracto do sonho e da estesia pura. Com elle comprehende-se a funcção superior e poderosa da arte. Como ella, galvaniza os sentidos cansados, e como ella é poderosa no seu mundo opulento de côres e de fórmas, traduzindo para além das almas e das sensações.

Leopoldo Gotuzzo é um artista que conhece a Europa. Traz uma mentalidade nova, mas sua, já completa, sem suggestões de escolas ou de mestres. Sobretudo é uma retina viva, em plena infancia. Em Portugal, elle descobriu o que muitos pintores portuguezes não tinham ainda descoberto. A sua visão do Porto além de exacta, é muito bella. Dá-nos inteiramente a alma da velha cidade, onde o sol se apaga no granito, deixando cahir uma sombra pesada e movente. E tambem a vida das ruas estreitas, de miseria linda e pittoresca, onde o antigo fala em cada pedra, em cada rotula, em cada cunhal.

"Prière" de Maxence

Leopoldo Gotuzzo suggestiona e esmaga. Leva-nos onde quer, sem se collocar entre o que viu e o que pintou.

Do Porto ha que destacar o "Pateo dos Grilos", authentica maravilha de belleza parada e doce com os caracteres proprios do local; a "Rua da Senhora de Agosto", que é Camillo triste, suffocado de amarguras, mas sempre real e empolgante; as ""Escadas do Codeçal", sem luz, como se a miseria ali fosse sombria, humida, pulverulenta. "Ponte de Lima" deu-nos duas ou tres télas, que são um sortilegio de luz e de côr, desatomizada e com a ondulação transparente, acarinhante dum outomno infinitamente brando e magoado. Nos interiores das igrejas, Leopoldo Gotuzzo é religioso, quasi somnambulo de mysticismo. E' ver essa "Capella de Nossa Senhora", estupenda de talha, onde ha doirados mortiços, patinados pela poeira, e uma luz fria, que adivinha o côro deserto e crepuscular. Bello tambem o seu aspecto do "Claustro da Sé", milagre architectonico, admiravelmente interpretado, numa atmosphera baça, notulada com intelligencia.

Dois dos nús que o artista apresenta, são authenticas obras primas. Um é duma elegancia inexcedivel, toda a carne dorme, subtilmente velada, sem exaggeros carnaes. Outro, de costa, dum desenho nitido e perfeitissimo, com tintas delicadas, flexivel, — revela uma grande harmonia, uma hora de amor sem peccado. Ainda um bello quadro: "O Garoto triste", cheio de caracter.

Leopoldo Gotuzzo, grande artista brasileiro, merece dos seus camaradas portuguezes, alguns recebidos no Brasil com tanto exito e carinho, uma homenagem.

Por que não fazel-a?"

O pintor portuguez J. Campos e a sua ultima exposição — Lisboa.

Um Homem Indispensavel

— E o seu marido, por onde anda?

— O Antonio? Coitado! Elle sempre tem muito que fazer. O delegado la do districto é um vadio. Não resolve nada sem a presença do Antonio.

De Elegancia

Iracema Guimarães Villela, nome consagrado nas letras, tambem vae falar de elegancia.

Entre os que nesta secção têm figurado e os que ainda figurarão, a escriptora tem logar de destaque. Fidalga de maneiras, figura suggestiva de mulher culta, Iracema Guimarães Villela recebeu-me com a mais requintada gentileza.

Disse-lhe eu ao que ia. E ella:

— A minha opinião sobre a elegancia? E' isso que deseja saber?

— Eu e todos os que tiverem a fortuna de ler a nossa entrevista.

A illustre entrevistada sorriu docemente, e falou: — A elegancia é muito difficil de ser julgada, visto cada qual a entender a seu modo. Para uns significa luxo, magnificencia, sumptuosidade; para outros, profusão de côres, mistura de tecidos valiosos com adornos insignificantes, que se disputam entre si, produzindo um côro difficil de apaziguar...

— Mas a verdadeira elegancia...

— No meu entender a verdadeira elegancia deve ser simples, sobria, distincta, sem attrahir a attenção a não ser depois de demorado exame, no qual se reconheça a arte requintada do córte e a finura e delicadeza do tecido. Para o homem é sempre o gosto inglez, para a mulher o parisiense bem educado, destinado a ficar em Paris, e não ser importado como indesejavel... para a America do Sul. A mulher verdadeiramente elegante sente-se á vontade dentro das suas sêdas; ve-se que "nasceu" com ellas; que lhe não foram fornecidas por uma fortuna chegada na loteria ou em negocio realizado abruptamente. Embora a mulher se adapte com extrema facilidade, a "nouvelle riche" anda tão constrangida nas suas „toilettes" improvisadas, como se move com embaraço nos seus luxuosos salões, arranjados ás pressas.

— Então as elegantes de verdade são pouco, privilegiadas?

— Como em tudo.

— Mesmo em se tratando de literatura?

Era pergunta que, por certo, agradaria á escriptora. Com mulher que só cuida de vestidos a palestra de predilecção é sempre trapos. Com a que se dedica ás letras, livros e escriptores são assumpto de agrado. Ha, entretanto, certo sabor especial em colher a opinião da gente de espirito quanto a cousas que absorvem centenas e centenas de criaturas para quem um chapéo, um vestido, uma luva dão a maior alegria de viver...

Assim, respondeu a senhora Guimarães Villela:

— O que penso do movimento literario actual? Livros, ha poucos, e bons ainda menos. O que se lê é somente o jornal com a sua variada collaboração, percorrida com rapidez e por conseguinte com prazer. A época presente não permitte leituras demoradas.

— Gabo-lhe o canto em que vive. Além de escriptora é artista...

— Gosto, de facto, do meu canto, dos meus livros. Raramente tomo parte em festas literarias ou artisticas. E assim procedo porque gosto pouco de me exhivir. Ser escriptora ou artista não obriga a estar sempre em fóco. Já lhe falei de mim em demasia; creio que posso fazer ponto final.

Não lhe parece?

Ella fôra gentilissima. Com a publicação do "interview" vão os meus agradecimentos á apreciada escriptora.

A. Dorét, que vem entretendo as leitoras com opiniões interessantissimas sobre belleza, plastica, conservação da juventude, a arte de usar perfumes, etc., fala, hoje, de gymnastica.

— A gymnastica — diz elle — é tida como elemento capaz de conservar a juventude. Entretanto os differentes exercicios de gymnastica não podem ser prescriptos a todos, em geral. Uns devem ser indicados para as que passam horas e horas sentadas; outros para as que ficam de pé a maior parte do dia. Assim, nada mais a proposito que consultar um especialista. As pessoas que vivem muito de pé são sujeitas ás varizes. engorgitamento dos vasos sanguineos, nas pernas, com aspecto de inchação. Muitas vezes ha ruptura de alguns. Essas pessoas devem, todos os dias deitar-se sobre as costas e levantar ás pernas, em angulo direito, durante um quarto de hora, em movimento lento, ora com uma perna, ora com outra. Com o exercicio tambem lucra a physionomia, tomando apparencia de saúde, de bem estar. Uma fricção de agua da colonia após o exercicio, facilitará a circulação.

Figuram nesta pagina alguns modelos de vestidos bordados. Um, de Kasha marinho, collete cinza claro bordado á laranja; outro de popelina preta e bordados rosa; outro de velludo verde garrafa e bordados multicôres; o ultimo: blusa de popelina branca bordada de vermelho, e saia de popelina preta tambem bordada de vermelho.

Secção de agulha: rosa e borboletas para guarnição de "abat-jour", almofadas, envelop-pes para guardanapo, etc. O bordado é facilimo: ponto de "cordonnet" inglez, simples, feito de linha brilhante. Tanto ficará bonito de um tom só, como a côres.

S O R C I È R E

Iracema Guimarães Villela

Jardim Publico
Corumbá

Victoria
Régia

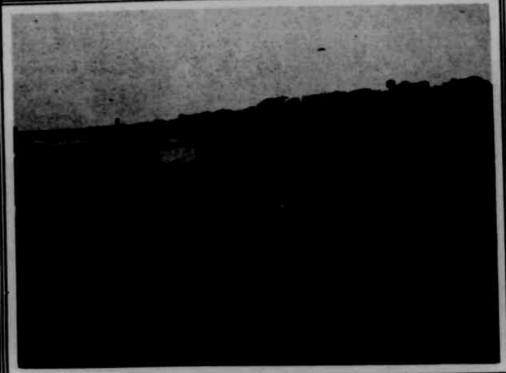
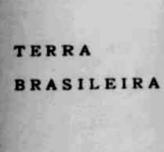
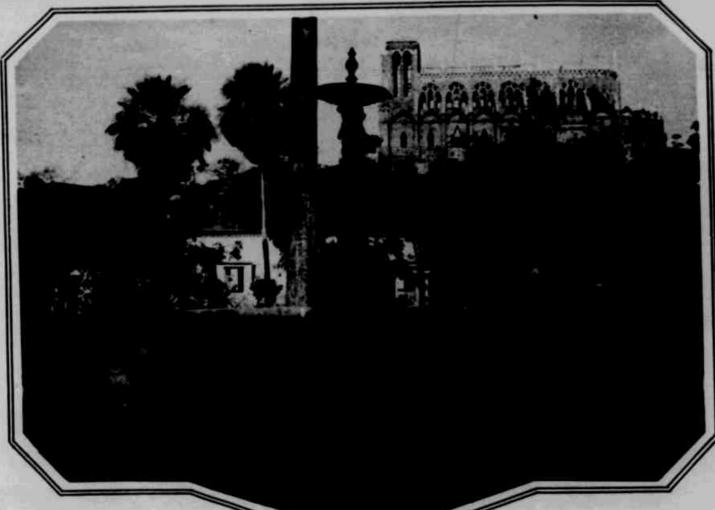
Porto de
Cuiabá

TERRA
BRASILEIRA

MATTO
GROSSO

Jardim Cuiabá.

Maria-Ignez

POR

DANTE ANGYONE COSTA

●

Nem alta nem baixa. Magra. Pallida. O rosto fino. Uns olhos muito tristes. Os cabellos negros e escorridos na cabeça.

E' assim que ella é. A **Maria-Ignez**.

Usa os vestidos curtos porque todas usam e ficava ridiculo ella não usar. Chamava attenção.

As mangas desappareceram tambem por isto. Mas não usa "rouge". Nem "batton".

Domingo ella estava na praia com a avó e duas primas. A Carmen e a Sonia. Pelos nomes a gente via logo como ellas são...

Mas se não visse pelos nomes, via pelos modos:

As duas pulavam, davam gargalhadas enormes, escandalosas e só consegue sorrir.

E volta pra junto da avó. E a palestra recomeça.

Se Maria-Ignez soubesse como a gente gosta della. Daquelle seu geitinho de creança boa. Daquelle seu ar de passarinho assustado, ella não fica triste não. Pelo contrario. Alegre. Contentissima.

A gente diz que não gosta, mas gosta. E' tudo fingimento.

E eu garanto pra você, Maria-Ignez, que se você continuar assim, boasinha, assim Maria-Ignez, você ainda casa mais cedo que as outras...

E imagine que desgosto pra todos nós, se você se chamasse Carmen. Ou Sonia. Nome de mulher fatal. Imagem só...

e Maria-Ignez estava ali, juntinho da avó. Conversando, conversando. Ou então olhava pro mar. Ou pro céo. Com toda a tristeza do mundo nos seus olhos bonitos.

De vez em quando lhe dá uma vontade doida de querer ser como as outras. Maria-Ignez levanta-se. Chega na roda, quer pular, mas os pés estão grudados no chão. Quer dar gargalhadas

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente, a lapis.

Fazemos este aviso para que as consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

ALAY (Ribeirão Preto) — Espirito maleavel, finura, pouco amor á verdade, impressionabilidade, pouca cultura, bondade, ambição, coragem, alegria de viver.

JOIGVA (Conceição) — Sua letra grande é signal de imaginação viva, grandes aspirações, orgulho, generosidade. E' tambem bondosa, cheia de indulgencia, ás vezes, outras vezes severa, inflexivel. Emprehendedora e activa, tem muita confiança em si propria e sabe agir de prompto e de accordo com as circumstancias, não se arrependendo, jámais, das resoluções tomadas. Uma "senhora ás direitas", como se diz vulgarmente.

MINEIRA (Rio) — Indecisão, inconstancia, infantilidade, candura, credulidade. Um pouco de dissimulação e diminuto amor á verdade. Delicadeza, sensibilidade, fraqueza... Como pede ainda seu horoscopo, vamos dal-o ligeiramente, embora isso nada tenha de commum com a graphologia.

As pessoas nascidas em Maio são intelligentes, gostam das commodidades e do luxo e têm bastante habilidade manual. Deixam-se, ás vezes, levar pela colera, sendo, entretanto, leaes, generosas e de optima memoria. Gozam boa saude, embora com tendencias a soffrer do estomago e intestinos. Não são felizes no casamento devido ao seu genio impulsivo e caprichoso.

Quanto a livros sobre graphologia, não conhecemos nenhum em portuguez; entretanto, o "Almanach d'O Malho" deste anno, publicou um artigo a esse respeito com gravuras elucidativas.

JURACY OLIVEIRA — Letra muito irregular denotando desequilibrio, desordem, confusão, estouvamento, precipitação e talvez ainda negligencia e dissimulação.

Inconstante, voluntariosa; teimosa, querendo ficar sempre com a razão, embora não a tenha, e pretendendo dizer sempre a ultima palavra nas discussões. Espirito critico e satirico e para o lado do coração... perturbações cardio-vasculares. O horoscopo dos nascidos em Janeiro é o seguinte: Serão felizes no commercio e enriquecerão facilmente. Tendo aspirações elevadas e tacto diplomatico conseguirão muita cousa porque são tambem amigos nobres e leaes. Deverão casar cedo, preferindo pessoas nascidas em Fevereiro, Maio, Junho ou Novembro.

JACK (Porto Alegre) — Os traços predominantes do seu caracter são a se ainda sensibilidade, sentimentalidade franqueza, a lealdade, a polidez. Notam-se ainda sensibilidade, sentimentalidade e susceptibilidade. Alguma energia e firmeza estão claramente expressas no traço com que termina seu nome de familia.

PETER WALD WAITE (Bello Horizonte) — O senhor está enganado quando suppõe que a graphologia prediz, ou adivinha o futuro de qualquer pessoa. Não confunda as cousas... A graphologia revela o caracter, as tendencias, as boas qualidades, os defeitos, e se póde ainda por ella conhecer determinadas doenças, o que já pertence á graphopatho'ogia.

Sua letra, por exemplo, inclinada ás vezes para a esquerda, outras vezes vertical, diz que o senhor é um inconstante, dissimulado, desconfiado; é tambem uma letra hesitante o que indica timidez, medo, receio, indecisão. Observando a sinuosidade das linhas, vê-se que é um espirito maleavel, accommodaticio, pouco amigo da verdade e da franqueza.

Outros signaes como empastamento de algumas letras, interrupção brusca na formação de outros traços finos e tremulos são "symptomas" de debilidade mental, perturbações cardio-vasculares. Por que não consulta um medico?... Emquanto não faz isto tome calmantes e evite contrariedades.

MARILU' (São Paulo) — Sua letra revela bondade, doçura, indulgencia, sensibilidade, ternura.

As linhas ascendentes denotam alegria de viver, esperança, coragem, confiança em si mesma.

No momento de escrever tinha uma preoccupação qualquer revelada na emmenda que fez no seu proprio nome, o que é raro.

Um tanto fantasista, vaidosa, como em geral as filhas de Eva, e força de vontade para conseguir o que pretende.

GRAPHOLOGO.

EM SÃO PAULO

Enlace Carmen Lobato—Dario de Barros. Ella foi artista theatral. Elle é jornalista

Miniatura da capa d'O MALHO de hoje.

Enlace Dalila Costa — Dr. Floriano Brilhante.

Breve,

GRANDE CONCURSO DE SÃO JOÃO D'"O TICO-TICO"

ACERCA DE SHAMPOOS

Ha um sem numero que pódem ser qualificados como bons, inocuos e máos. E' impossivel que uma marca de shampoo possa ser apropriada para cada uma das differentes especies de cabello. Em alguns casos elle tira muito do azeite natural; em outros, demasiado pouco. As pessoas de cabello claro têm necessidade de um shampoo mais suave que as de cabello escuro. O logico, pois, é que cada um prepare o seu proprio shampoo, graduando-lhe a força de accôrdo com as necessidades do seu cabello. Como uma planta em terra fertil e bem cuidada, o cabello crescerá abundante e formoso se fôr cuidado apropriadamente; porém se se abusa delle, como fazem muitas mulheres, que o lavam com fortes soluções alcainas, acontecerá o mesmo que se atirasse um veneno destinado a cardos sobre uma planta delicada. Antes de concluir, devo advertir que o meu pharmaceutico me recommendou o emprego do stallax simples, em logar dos shampoos em pó, iá preparados; e devo informar que esta substancia resulta ideal para o fim indicado. Faz com que o cabello se torne suave e ondulado.

Clinica Medica de "Para todos..."

As communicações apresentadas pelos **Drs. Voron** e **Sedailhan** á Sociedade de Obstetricia e de Gynecologia, de Lyon, despertou a attenção dos clinicos especialistas, para um novo tratamento das infecções puerperaes, — o emprego da auto-vaccinotherapia.

Para o fabrico de tal vaccina especifica, o laboratorio recorre aos streptococcus obtidos dos proprios lochios das enfermas.

São feitas injecções de dois em dois dias, usando-se, no inicio, meio centimetro cubico da vaccina e elevando-se a dosagem nas applicações posteriores, progressivamente, de um a cinco centimetros cubicos.

Tres fórmas de streptococcia, **Voron** e **Sedailhan** puderam observar.

Sob a primeira fórma appareceram aterradoras infecções puerperaes, de tendencias pronunciadas para o desenlace fatal. Tres foram os casos em que o streptococcus evidenciaram propensões para se localisar, produzindo phlebites, cellulites, collecções purulentas na região pelviana, etc., e em que o organismo patenteou a impossibilidade de um combate pujante contra o germen nocivo, não podendo a auto-vaccinotherapia preencher as lacunas deixadas pela carencia de defesa natural.

Constituiram a segunda fórma de streptococcia dois casos malignos de aspecto scepticemico e de rapida evolução, — um, finalisado pela morte da enferma, e outro, pelo restabelecimento inesperado, após uma grave phlebite para-uterina.

Embora inspirando os mais sérios cuidados, os casos da terceira fórma de streptococcia, em numero de sete, caminharam invariavelmente, para a cura desejada, com abcessos de fixação e emprego de meios therapeuticos vulgares.

Essas multiplas investigações, rigorosamente effectuadas, induziram os **Drs. Voron e Sedailhan** a formular com acerto as seguintes conclusões: 1ª — A auto-vaccina anti-streptococcica não tem efficacia nas fórmas scepticemicas; bem como durante o periodo estacionario de toda e qualquer infecção puerperal. 2ª— Parece que a auto-vaccina anti-streptococcica unicamente revela apreciavel utilidade no momento em que se esboça a defervescencia, concorrendo, talvez, para augmentar no sangue a producção de anti-corpos especificos. 3ª — Não foi constatada nenhuma recahida em todos os casos graves ou benignos submettidos a tratamento pela auto-vaccina anti-streptococcica, — o que é sufficiente para demonstrar a sua vigorosa acção immunisante. 4ª — A conducta clinica

AUTO-VACCINOTHERAPIA, NAS INFECÇÕES PUERPERAES

mais logica a seguir é fazer o emprego da auto-vaccina anti-streptococcica, precisamente quando tem inicio a defervescencia; todavia, para encontrar o streptococcus nos lochios é mistér proceder a pesquisas attenciosas, desde os prenuncios da terrivel infecção, porquanto o referido microbio, quasi sempre, desapparece de taes liquidos, ou, então, vae ficando encoberto por outros germens,— coli-bacillos, staphylococcus, etc. — circumstancia capaz de embaraçar o microbiologista, originando a impraticabilidade de um exame elucidativo.

Como se vê, a opportunidade da applicação é requisito essencial ao bom exito do tratamento. E compete ao clinico determinar exactamente essa opportunidade para afastar o perigo de morte proxima, — desfecho não muito raro, nas infecções puerperaes.

CONSULTORIO

O. L. I. (Rezende) — E' conveniente o emprego de banhos mornos geraes, pela manhã. Use: tintura de noz vomica 1 gramma, tintura de cannabis indica 2 grammas, tintura de boldo 3 grammas, extracto fluido de condurango 6 grammas, infuso de tilia 100 grammas, magnesia fluida 300 grammas, — um pequeno calice, de 2 em 2 horas.

D. E. A. (S. Gonçalo) — Além do reconstituinte alludido em sua carta, use: extracto de belladona 3 centigrammas, bromureto de calcio 4 grammas, xarope de Roux 50 grammas, xarope de flores de laranjeira 100 grammas, — uma colher (das de sobremesa) de 2 em 2 horas. Use tambem "Pastiserol Bailly", — dez a quinze pastilhas por dia.

THYRRHA (Juiz de Fóra) — Antes de cada refeição principal, tome uma colher (das de sopa) de "Xarope de Rhul". Externamente applique na região mencionada: sub-carbonato de potassio 5 grammas, enxofre sublimado 10 grammas, diadermina 60 grammas.

O. L. G. A. (Rio) — Deve usar: glycerocero-phosphato de ferro 5 centigrammas, glycero-phosphatado de magnesio 10 centigrammas, phosphato de potassio 10 centigrammas, glycero-phosphatado de sodio 20 centigrammas, pepsina officinal 20 centigrammas, glycerophosphato de calcio 35 centigrammas, — em uma capsula, vindo 18 iguaes, para tomar uma depois de cada refeição principal.

H. A. N. (Petropolis) — Durante dois dias ficará sob o regimen lacteo absoluto, amenisado com o emprego da "agua de Vichy (Celestins)". A medicação deve ser: lactato de stroncio 10 grammas, extracto fluido de stygmas de milho 15 grammas, xarope de cascas de laranjas amargas 300 grammas, — uma colher (das de sopa), de 4 em 4 horas.

MIRIAM (São Paulo) — Póde experimentar o emprego do "Depil" ou da "Depilina". Penso, entretanto, que sómente recorrendo á electricidade, terá o resultado que deseja.

DR. DURVAL DE BRITO.

~ Estes objectos nojentos ~
8$
10$
4$
~ Estão para estes ~
150$
150$
170$
~ Assim como estes estão ~
para este
HYGÉA
5$
15$
185$
HYGÉA

Um caso banal

Uma sala de bailes. Como todas as salas de bailes. (Por isto não preciso descreve-la).
Muita gente.
Gente que quer sahir. Gente que quer ficar.
Gente que não quer sahir nem ficar.
Lá fóra, gente que quer entrar.

Num canto ella.
O pae junto della. A mãe junto della. O irmão junto della. Etc., etc., etc., juntos della.

No centro eu.
Junto a mim um amigo. Tambem amigo della.
— Quem é ella ?
— Ella é Elza. Não conheces ?
— Não. Me apresenta a ella.

Caminhamos p'ra ella.
— Apresento, etc., etc., etc.
— Apresento, etc., etc., etc.
— Muito prazer.
— Da mesma fórma.
— Vamos darsar.

Dansamos.
Conversamos.

Dansamos.
Conversamos.

Uma vtz. Duas vezes. Tres vezes. Muitas vezes.

Cinco horas da manhã.
— Então até amanhã ás duas horas, sim ?
— Sim.

Duas horas. Cinema.
— E gosto de mulher baixa, loura, olhos azues.

Eu sou alto, etc., etc.
Ella é baixa, etc., etc.
Um dia. Dois dias. Tres dias. Trinta dias.
Um mez. Dois mezes. Tres mezes.

Duas horas.. Cinema.
— Eu descobri que não gosto de homem alto, etc., etc.
— Eu percebi que não gosto de mulher baixa, etc., etc.
— Adeus !
— Adeus !

São. Paulo.

Corypheu de Asevêdo Marques

UM ARTISTICO RECEITUARIO CULINARIO

Massas Alimenticias Aymoré Ltda., cujos productos são por demais conhecidos, está distribuindo á sua clientela um mimo que constitue regalo dos melhores para as donas de casa. Trata-se de um artistico livrinho, magnificamente illustrado a côres, ensinando o preparo de pratos das massas alimenticias, consideradas por summidades medicas como de grande valor nutritivo e igualmente saudaveis. Amenisando o assumpto, que póde parecer aos leigos, prosaico, o livrinho Aymoré diverte-nos com o relato das origens das massas alimenticias, ligadas a uma legenda chineza, bem como instruindo-nos sobre outros aspectos interessantes nesta ordem de idéas.

• • •

A BONECA VESTIDA DE ARLEQUIM
de Alvaro Moreyra
Encontra-se na
Livraria Pimenta de Mello & Cia.
RUA SACHET, 34
Rio de Janeiro

Delirio...

Todas as noites,
antes de me deitar,
junto do fogão,
conto algumas historias
ás creanças da fazenda.
São contos que ouvi
quando eu era creança,
narrados pelo "avosinho",
um pobre ancião
albergado lá em casa.
E, como elle, sempre começo:
"Era uma vez..."
para seguir narrando,
com carinhosa paciencia,
as lendas da carocinha.
Mas hontem... Ah, hontem!
não sei bem o que se passou.
Sem querer eu dei principio:
"Meus netinhos:
Quando eu era moço,
conheci............"
E não pude terminar
cortado em forte soluço...
E' que neste meu retiro,
um retiro hospitaleiro,
com tantas cabecinhas louras,
tantos olhos innocentes,
tantas mãosinhas infantis,
pousadas nos meus joelhos
julguei-me transformado
em solitario ancião.
E como todo velhinho,
que tem do passado,
uma historia triste
para contar,
eu ia, imprudente!
contar tambem a minha,
demasiado triste,
demasiado tragica,
para esses corações
ingenuos e innocentes.
E, parei...
Parei com a dôr que se sente
quando queremos e não podemos
desafogar nossos males...

CABANAS.

Dr. Antonio de Sampaio Pires Rebello, que com brilhantismo acaba de terminar os cursos juridico e medico da nossa Universidade.

Sahindo do palacio do Cattete, depois da visita ao Presidente Washington Luis.

Uma pagina de lembrança: a visita do Presidente Guggiari

A cordialidade sincera entre o Brasil e o Paraguay

Com o Dr. Ferreira Braga e officiaes ás ordens de Sua Excellencia.

Os dois Presidentes: do Paraguay e do Brasil. Em baixo o palacete onde esteve hospedado o senhor Guggiari.

BIOTONICO FONTOURA

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

Os organismos sadios e fórtes são aquelles que, desde cêdo, começaram a usar este maravilhoso tonico dos musculos e dos nervos.

COM O SEU USO OBSERVA-SE O SEGUINTE:

1.° Sensivel augmento de peso.
2.° Levantamento geral das forças.
3.° Desapparecimento do nervosismo.
4.° Augmento dos globulos sanguineos.
5.° Eliminação da depressão nervosa.
6.° Fortalecimento do organismo.
7.° Maior resistencia para o trabalho physico.
8.° Melhor disposição para o trabalho mental.
9.° Agradavel sensação de bem estar.
10.° Rapido restabelecimento nas convalescenças.

Officinas Graphicas d' "O MALHO"